



FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

À procura de uma Educação Física com e para os valores

Relatório de Estágio Profissional

Relatório de Estágio Profissional vista à obtenção do 2º ciclo de Estudos conducente do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, ao abrigo do Decreto-Lei nº74/2006, de 24 de março, na redação dada pelo Decreto-Lei 65/2018, de 16 de agosto e o Decreto-lei nº79/2014 de 14 de maio.

Orientadora: Profª. Paula Maria Leite Queirós

Daniel Leandro Correia Rodrigues

Porto, julho de 2023

Ficha de Catalogação

Rodrigues, D. (2023). *À procura de uma Educação Física com e para os valores*. Porto: D. Rodrigues. Relatório de estágio profissionalizante para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: ESTÁGIO PROFISSIONAL; EDUCAÇÃO FÍSICA; DOCENTE; ENSINO-APRENDIZAGEM; DESENVOLVIMENTO

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus avós, que me incentivaram ao longo do meu percurso académico.

Aos meus pais, irmão e a toda a minha família pelo apoio nesta jornada fantástica.

Aos meus amigos por todo o apoio e carinho prestado.

À minha professora Cooperante Cristina Caré, por todo o apoio incansável durante todo o ano letivo.

À minha Professora Orientadora Paula Queirós, um obrigado é pouco pela orientação de todo o meu processo durante estes dois anos.

Um agradecimento especial a todos vós!

Agradecimentos

Em primeiro lugar, o agradecimento à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto pelo acolhimento e por disponibilizar todas as condições para a aquisição do máximo de conhecimento e transmitir uma sensação de “estar em casa”.

Agradecer à entidade acolhedora, no caso, a Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva, na ilha da Madeira, pela receção calorosa, em especial às Professoras Cooperantes, Cristina Caré e Susana Cró, por estarem sempre disponíveis para ajudar e auxiliando sempre em prol da evolução do estagiário.

Os agradecimentos estendem-se igualmente a todo o departamento de Educação Física juntamente com o núcleo de estágio, pela troca de conhecimentos e por todo o apoio prestado. Por último e o mais importante, a todos os alunos que contribuíram para que de todo o trabalho colhesse “frutos”.

Reconhecer o apoio da orientadora de estágio, a Professora Doutora Paula Queirós que apoiou e também contribui com *feedbacks* positivos e pelo ensinamento ao longo destes dois maravilhosos anos. Um obrigado, não basta! Estou grato por todo o conhecimento adquirido através da sua supervisão!

Enaltecer os restantes professores, que ao longo destes anos, contribuíram sempre com uma palavra amiga, pela partilha de conhecimentos e também por todo o material que disponibilizaram como ferramenta de trabalho.

Agradecimento muito especial aos meus avós, pela motivação extra nesta importante etapa da minha vida académica, obrigado por todo o apoio ao longo desta jornada! Eternamente grato!

Não menos importante, agradecer aos meus amigos de coração, sempre que necessário, estavam prontos para um gesto de apoio, um grande e forte abraço para vocês todos!

Gratificar ao meu amigo António Fonseca pela motivação e pelo suporte incansável dado ao longo destes dois anos.

Por fim, agradecer a todos aqueles que acreditaram em mim nesta jornada e pela motivação em ser melhor a cada dia que passa. Obrigado!

Índice Geral

<i>Dedicatória</i>	III
<i>Agradecimentos</i>	IV
<i>Índice Geral</i>	VI
<i>Índice de Figuras</i>	VIII
<i>Índice de Gráficos</i>	IX
<i>Índice de Anexos</i>	X
<i>Resumo</i>	XI
<i>Abstract</i>	XII
<i>Lista de Abreviaturas</i>	XIII
1. Introdução	1
2. Enquadramento Pessoal	2
2.1 Apresentação	2
2.2 Horário do estágio	2
2.3 Expetativas iniciais e a verdadeira realidade do estágio	3
2.4 A verdadeira paixão pelo Desporto	4
3. Enquadramento da Prática Profissional	6
3.1 Importância do estágio para a carreira profissional	6
3.2 O papel do professor de Educação Física na Escola	7
3.3 Qual o impacto da Educação Física na Escola	8
3.4 Importância do Desporto Escolar na Região Autónoma da Madeira 9	
3.5 Educação Física inclusiva: comunicação é a chave para a inclusão 10	
3.6 A Escola: a experiência começa aqui!	11
3.6.1 Caracterização da escola	11
3.6.2 Departamento de Educação Física	12
3.6.3 Núcleo de Estágio	14
3.6.4 Corpo Discente 8ºano	14
3.6.5 Corpo Discente 10ºano	15
3.6.6 Experiência dos mais pequeninos 6ºano	16
3.6.7 Cronograma do estágio	16
4. Realização da prática profissional	17
4.1 Área 1 – Organização e Gestão do Ensino e Aprendizagem	17
4.1.1 Conceção e organização do planeamento	17

4.1.1.1	Conceção da Educação Física	19
4.1.1.2	Ser professor e a sua intervenção	21
4.1.1.3	Planeamento anual: para que serve	22
4.1.1.4	Unidade Didática: Processo da experiência Pedagógica	24
4.1.1.5	Plano de aula: o dia a dia.....	26
4.1.2	Aprendizagem.....	29
4.1.2.1	O primeiro “abraço” dado a turma.....	29
4.1.2.2	A relação do professor com a turma	30
4.1.2.3	Observar para aprender	31
4.2	Área 2 – A contribuição na escola e a envolvimento com os colegas.....	32
4.2.1.	Desporto escolar.....	32
4.2.2	Corta-Mato Escolar	33
4.2.3	Festival da Escola.....	34
4.2.4	<i>ECO Erasmus Project</i>	35
4.3	Área 3 – A importância da interação professor-aluno nas aulas de Educação física	35
4.3.1	Resumo	35
4.3.2	Abstract.....	37
4.3.3	Introdução	38
4.3.4	Objetivos do estudo	40
4.3.5	Metodologia.....	40
4.3.5.1	Participantes	40
4.3.6	Procedimentos	41
4.3.5	Instrumentos	41
4.3.6	Apresentação de resultados	42
4.3.7	Conclusões	49
4.3.8	Sugestões para futuras investigações	50
4.3.9	Referências Bibliográficas	51
5.	Conclusões e Perspetivas Futuras	52
6.	Referências Bibliográficas.....	53
	Anexos	XIV

Índice de Figuras

Figura 1 - Cronograma da turma 10.ºano.....17

Índice de Gráficos

Gráfico 1- Distribuição numérica por idade.....	43
Gráfico 2- Avaliação da Repreensão do Professor.....	43
Gráfico 3 - Avaliação da Perceção do Professor.....	44
Gráfico 4 - Avaliação do auxílio do Professor.....	44
Gráfico 5 – Avaliação do Clima Social.....	45
Gráfico 6 - Interpretação das características do Professor.....	46
Gráfico 7 - Variáveis comportamentais do Professor.....	48

Índice de Anexos

Anexo 1 - Horário Escolar.....	XIV
Anexo 2 - Autorização Desporto Escolar Fase Final.....	XIV
Anexo 3 - Plano de Aula.....	XV
Anexo 4 - Unidade Didática de Badminton.....	XVI
Anexo 5- Calendário dos Jogos - Festa do Desporto Escolar.....	XVI
Anexo 6 - XI Festival de Desporto da Levada.....	XVII
Anexo 7 - Questionário QTI.....	XVIII

Resumo

A prática de Ensino Supervisionada do Estágio Profissional, está inserida no plano de estudos do 2º ano do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Esta oportunidade permitiu a aplicação da teoria obtida no decurso da formação académica. Neste documento procura descrever-se a evolução do professor estagiário, como também todo o processo ao longo do ano letivo. O estagiário foi responsável por duas turmas e ainda contou com uma experiência prática de uma turma do 2º ciclo por duas semanas, nas quais foi responsável, pelas tomadas de decisões em prol da turma e planeamento. Este relatório está dividido em quatro etapas. A primeira é relativamente à introdução, em que se declara o propósito e o objetivo do relatório. Na segunda etapa, aplica-se o enquadramento pessoal, no qual se relata a vida, as vivências profissionais e académicas do estagiário. Segue-se o enquadramento da prática profissional, isto é, um retrato a nível institucional e profissional, onde se insere uma pesquisa do contexto onde decorreu a prática do estudante-estagiário. A finalizar, a realização da prática profissional, na qual estão inseridas as três áreas de desempenho do professor: Organização e Gestão do Ensino e Aprendizagem; a contribuição na Escola e o envolvimento com os colegas e o Estudo de investigação sobre a “Importância da interação do professor-aluno nas aulas de Educação Física”. Não menos importante, a Conclusão e Perspetivas futuras que mostra o balanço geral e final do ano de estágio e perspetivas para o futuro. Neste ano de estágio, foram proporcionados grandes momentos de experiências que melhoraram a identidade do estagiário como profissional assim como a aprendizagem de conhecimentos e competências enquanto profissional de Educação. Foi a realização de um grande sonho, este de lecionar, partilhar conhecimentos e ideias entre o professor e o aluno.

PALAVRAS-CHAVE: ESTÁGIO PROFISSIONAL; EDUCAÇÃO FÍSICA; DOCENTE; ENSINO-APRENDIZAGEM; DESENVOLVIMENTO.

Abstract

The practice of the School Placement is included in the study plan of the 2nd year of the Master in Teaching Physical Education in Basic and Secondary Education at the Faculty of Sports of the University of Porto. This opportunity allowed the application of the theory obtained during the academic training. In this document, an attempt is made to describe the evolution of the student-teacher as well as the entire process throughout the school year. The intern was responsible for two classes and also had a practical experience with a 2nd cycle class for two weeks, in which he was responsible for decision-making on behalf of the class and planning. This report is divided into four steps. The first concerns the introduction, in which the purpose and objective of the report is stated. In the second stage, the personal framework is applied, in which the intern's life, professional and academic experiences are reported. This is followed by a framework of professional practice, that is, a portrait at an institutional and professional level, which includes a survey of the context in which the student-intern's practice took place. Finally, carrying out professional practice, in which the three areas of teacher performance are included: Organization and Management of Teaching and Learning; contribution at school and involvement with colleagues and the research study on the "Importance of teacher-student interaction in Physical Education classes". Not least, the reflection and conclusion that shows the general and final balance of the internship year and the aspirations for the future. In this year of internship, great moments of experiences were provided that improved the intern's identity as a professional as well as the learning of knowledge and skills as an education professional. It was the realization of a great dream, that of teaching and sharing knowledge between teacher and student.

KEYWORDS: SCHOOL PLACEMENT; PHYSICAL EDUCATION; TEACHER; TEACHING-LEARNING; DEVELOPMENT.

Lista de Abreviaturas

AD – Avaliação Diagnóstica

DE - Desporto Escolar

EF - Educação Física

MEC - Modelo de Estrutura do Conhecimento (*Vickers*)

MED – Modelo de Educação Desportiva

PA – Planeamento Anual

QTI – *Student Questionnaire of Teacher Interaction*

SPSS - *Statistical Package for Social Science*

UD - Unidade Didática

1. Introdução

A intenção na concretização deste relatório de estágio, tem como objetivo principal, a preparação, organização, o desenvolvimento e a aplicação de conhecimentos obtidos no decorrer do curso e o seu enquadramento com a realidade da atividade profissional. Cada colega fortalece a sua prática no estágio, através de uma orientação académica de um docente e de um docente orientador cooperante da instituição de acolhimento, que neste caso foi a Professora Cristina Caré.

Muito se discute sobre a importância do estágio. É dado aos professores estagiários, a possibilidade de trabalhar com diversos alunos. No caso deste estágio foram atribuídas três turmas: uma relativamente ao secundário do curso profissional desporto (10.º ano), outra do terceiro ciclo (8.º ano) e por último, uma turma do segundo ciclo (6.º ano). Para além do Ensino existiu uma envolvimento no Desporto Escolar (DE) com a orientação de uma equipa de Futsal. O estágio foi desafiante pelo trabalho com alunos com idades distintas, várias personalidades de crianças e diferentes tipos de ensino. O desafio pelo facto de não existir acompanhamento na aula assim como a possibilidade de transmitir todo o conhecimento aos alunos. Esta situação permitiu o desenvolvimento de competências com a perspectiva de aperfeiçoar o desempenho desportivo como, também maximizar o bem-estar destes jovens.

O estágio tem como finalidade dar a conhecer a Entidade onde o estágio foi realizado e todas as atividades em que o professor estagiário esteve envolvido. Verificou-se a oportunidade e o privilégio de proporcionar aulas atrativas, lúdicas, dinâmicas com o foco na aprendizagem e sucesso dos alunos, ou seja, 'saindo fora da caixa' promovendo não só aulas inovadoras, como também aulas criativas e motivadores.

2. Enquadramento Pessoal

2.1 Apresentação

Sou o Daniel Leandro Correia Rodrigues, nascido em Londres e vivo atualmente em Portugal, no Arquipélago da Madeira. Passei a infância ligada ao Desporto, despertei o interesse pelo futebol através do meu avô. Durante os vários ciclos escolares e pela criação de amizades que atualmente ainda são “vivas”, a paixão pelo Futebol em particular, e pelo Desporto em geral, essa paixão foi consolidada. É correto afirmar que, a partir da adolescência, comecei a emergir da “inocência” e a ganhar uma maior perceção da realidade. Cada vez mais tenho vontade de estar conectado ao futebol e à escola. Sempre foi objetivo possuir uma formação académica em Ciências do Desporto, abdicando de alguma forma, do “sonho de menino” em ser jogador de futebol. Com a entrada no Ensino Superior o tive de sair da maravilhosa ilha da Madeira e ir em busca do sonho. Posteriormente ao terminar a licenciatura e fazendo parte do estágio curricular, participei como analista no Club Sport Marítimo no Futebol Feminino Sénior. Atualmente, posso afirmar que o meu sonho está quase a tornar-se real, que é ser professor de Educação Física. Além disso, carreguei outros sonhos na minha fase de adolescência como ser Polícia e o outro, já referido anteriormente, ser futebolista. Contudo com o passar dos anos, mudei a minha perceção e visão. Deixei a vertente de praticante de lado e iniciei-me como treinador vocacionado para o trabalho com crianças e jovens. Este período levou-me a considerar o Ensino como futuro profissional, dado que através do treino/ensino fui moldando a minha paixão e sonho em ser professor e ajudar o próximo. O meu sonho é ensinar os mais jovens, implementar um conceito de vida saudável junto da comunidade escolar e ajudá-los a integrar na sociedade.

2.2 Horário do estágio

O estágio iniciou-se em setembro juntamente com um colega de curso e duas professoras cooperantes. O horário do estágio era de terça-feira até sexta-feira e alguns sábados de manhã no período em que se realizavam jogos inseridos no contexto do DE. O tempo de estágio era investido dentro do contexto escolar por forma a criar hábitos e aumentar a relação com a escola, alunos e

outros colegas. A semana de estágio iniciava-se com uma reunião com as professoras cooperantes para tirar dúvidas, expor as dificuldades sentidas e eventualmente debater as melhorias a introduzir. Muito importante foram as aulas observadas do colega professor estagiário Francisco Jorge, nas quais foram absorvidos os pontos fortes e anotados os pontos fracos do colega, por forma a transmitir algum *feedback* depois das aulas, assim como também retirar ilações para implementar nas aulas. E não menos importante, foram observadas aulas da professora cooperante que foram fundamentais, dado que observar aulas de professores com mais de vinte anos de experiência, é uma grande fonte de aprendizagem! Por fim, foram lecionadas quatro aulas por semana, sendo três do 8.º ano e uma do 10.ºano e no terceiro período seis aulas lecionadas ao 6º ano sendo três por semana.

2.3 Expetativas iniciais e a verdadeira realidade do estágio

As expetativas iniciais incluíram a oportunidade de aprender novas habilidades, adquirir experiência profissional, trabalhar em projetos interessantes e relevantes, possuir um ambiente de trabalho agradável e colegas de trabalho cooperativos, receber *feedback* e orientação adequada. O início do estágio foi no ano letivo 2022/2023 com a perspetiva de o estágio vir a ser muito enriquecedor! O ano letivo foi marcado por momentos altos e baixos numa jornada de trabalho árduo e com a aquisição de novos conhecimentos. Foi uma das etapas mais bonitas e desafiantes tidas até ao momento. No passado, foram efetuados dois estágios anteriores em diferentes contextos no percurso académico. Além disso, a ideia de ser docente requer imensas responsabilidades pelo facto de os alunos serem todos menores de idade assim como pela profusão de turmas atribuídas. Fruto da parca experiência em contexto escolar, verificou-se um certo receio inicial pela reação dos alunos perante as aulas ministradas.

Estes receios subiam à tona nos momentos de reflexão sobre a condução do estágio, até mesmo antes de o mesmo decorrer, dado as elevadas expetativas criadas. No entanto, a realidade do estágio pode ser diferente das expetativas iniciais, especialmente nos primeiros dias ou semanas, quando o

estagiário ainda se está a ajustar/adaptar ao ambiente de trabalho e às rotinas diárias. É possível que o estagiário receba tarefas mais básicas e tenha uma atenção pormenorizada numa fase inicial. Em primeiro lugar, chegar à escola era o desejo inicial. Seria o regresso a um contexto onde o estagiário já fora feliz imensas vezes. Toda a formação académica e gosto pessoal pelo Desporto foi conferida por um professor no Ensino Secundário pelo seu rigor e paixão pela Educação Física (EF). Vale destacar também o conjunto de conhecimentos obtidos ao longo dos anos no Ensino Superior. Todo esse conhecimento adquirido fomentava uma ânsia em executar na prática em contexto escolar e pedagógico.

Além disso, a realidade do estágio pode incluir desafios e obstáculos que o estagiário prevê inicialmente como a falta de experiência. Esta lacuna seria uma condicionante criando algumas dificuldades, embora o rigor, a motivação, o empenho, a autonomia e a iniciativa própria obrigasse à sua afirmação! A pressão para cumprir prazos semanais, o lidar com o *feedback* negativo foram desafios e um ponto de partida para um dos anos mais enriquecedores do estagiário. Iniciando-se assim um longo caminho como profissional de educação. De certo modo, a maior preocupação era a responsabilidade e o medo de que algo acontecesse durante o decorrer das aulas, nomeadamente o aparecimento de alguma lesão por parte dos alunos.

2.4 A verdadeira paixão pelo Desporto

A primeira ligação com o desporto foi no futebol. A influência familiar foi determinante através dos incitamentos à prática de modalidades desportivas. Após a primeira experiência, o futebol passaria a ser prioritário, eram 24h em torno da bola, nos quais a maioria dos sonhos eram de volta da bola de futebol. Dia e noite a bola de futebol preenchia todos os pensamentos. Os tempos livres na Escola eram preenchidos com jogos de futebol! Atualmente a sociedade está diferente e os jovens já não se dedicam tanto ao Desporto fruto das novas tecnologias, isto é, *tablets*, telemóveis, vídeos jogos. O sonho em ser um “Cristiano Ronaldo” foi sendo esbatido com o tempo. Já com alguma maturidade, o Futebol foi acompanhado pela prática de outras modalidades com enfoque na

realização de diversas provas de *trails*. O *trail* é uma modalidade em franca expansão na Região Autónoma da Madeira. No fundo, trata-se da paixão em correr, seja com uma bola no pé, seja em montanhas e vales. Esta paixão em correr rendeu um honroso segundo lugar no escalão sub23 numa prova de *trail*. Posteriormente, com o ingresso na faculdade, o Futsal começou também a ser praticado. De facto, a prática de Futsal resultou na execução de uma época inteira. Uma modalidade e um jogo mais intenso fruto de ser executado num espaço muito mais reduzido que a prática do Futebol. No presente, o Futebol ocupa novamente a preferência fruto da experiência no Sporting Clube Santacruzense. Paralelamente ao Futebol, o ténis de campo também é praticado de uma forma descomprometida nos tempos livres! Na ilha da Madeira, não é fazer jogar ténis de campo de uma forma competitiva dado que não existem torneios para a sua prática. E o crescimento da prática de padel veio aumentar esta dificuldade. Na Região da Madeira temos assistido ao surgimento de novos campos de padel assim como ao aumento de praticantes destas modalidades. Existe inclusive na ilha da Madeira, uma loja exclusiva para a venda de materiais para a prática de padel.

3. Enquadramento da Prática Profissional

3.1 Importância do estágio para a carreira profissional

Atualmente, o estágio é encarado como uma porta de entrada para ingressar no mundo do trabalho. São muitos os estagiários a passar pela Escola ganhando assim, a sua primeira experiência. O ano de estágio é por si só um ano muito enriquecedor para todos os estagiários no seu percurso académico. O estágio é uma etapa muito importante para a carreira profissional, pois proporciona a oportunidade de adquirir experiência prática em contexto de trabalho real. O estágio permite ao estagiário desenvolver as suas habilidades profissionais específicas, providenciar estratégias e soluções para os problemas. Estas serão as habilidades essenciais para o sucesso em qualquer carreira profissional. A experiência prática provém da teoria aprendida em sala de aula, ou seja, a teoria pode ser muito diferente da prática no ambiente de trabalho, ou seja, aquilo que é aprendido em contexto académico difere, por vezes, da prática, sendo difícil de aplicar em contexto real e dessa forma, é necessária a capacidade de ajustar à realidade atual. Porém, a possibilidade de estabelecer contactos profissionais, conhecer pessoas da mesma área de formação e ampliar a rede de contactos são fatores a explorar em contexto de estágio. Essa rede pode ser muito valiosa na procura de emprego. O estágio permite aos estagiários a possibilidade de aplicar na prática o que estudaram na faculdade, lecionar aulas de forma que também se observe aulas de colegas estagiários e também de outros professores com mais experiência e relacionar-se com todo o departamento da Escola começando pela direção, colegas, funcionários, alunos, outras escolas e não menos importante, o DE onde encontramos a conexão de várias escolas e a interação com outros professores de outras escolas. Permite aos estagiários que tenham um acompanhamento diário até ao final do ano letivo. Este acompanhamento diário é uma forma de possuir uma orientação/guia para a sua organização e foco no seu trabalho. O estágio é uma oportunidade valiosa para os estudantes e recém-formados adquirirem experiência e desenvolverem habilidades importantes para as suas carreiras profissionais. É uma etapa essencial, no que toca à transição da vida académica para a vida profissional.

3.2 O papel do professor de Educação Física na Escola

O professor é visto como uma figura central na Escola e possui um papel fulcral no processo de ensino-aprendizagem. Passa muito por ser uma pessoa que transmite valores, crenças e, para além da passagem de conhecimento, é crucial para que os alunos consigam perceber e ter um comportamento satisfatório na Escola, em casa ou em qualquer lugar. O mais importante no professor é conseguir estabelecer uma relação professor-aluno criando assim laços, ou seja, “conquistar” os alunos”. Existem funções importantes da atividade do professor na escola: no processo de ensino-aprendizagem é priorizada às situações da sala de aula, no qual os alunos são instruídos e ensinados pelo professor. Os conteúdos e as informações têm de ser adquiridos e os modelos copiados. Os seus elementos essenciais são imagens estáticas que aos poucos serão “impressas” nos alunos, cópias de modelos do exterior que serão gravadas nas mentes individuais (Mizukami, 1986). Motivação: o professor transmite motivação aos alunos a integrarem-se no sistema de ensino e a alcançarem o seu potencial, oferecendo desafios interessantes e desafiadores que incentivam os mesmos a se esforçarem. Além disso, os alunos tomam a iniciativa de enfrentar desafios. A motivação dos alunos está também associada ao interesse que a tarefa suscita aos mesmos, fruto da capacidade do professor de querer enfrentar problemas que prejudicam a motivação dos alunos, assim, cria desafios com um meio para atingir e daí obtém uma aprendizagem eficaz (Veríssimo, 2013). Resumindo, a motivação tem forte impacto ao nível da intensidade dos alunos, isto é, a motivação deverá levar com que os alunos se concentrem e se esforcem cada vez mais num período maior de tempo (Miranda, & Bahia, 2005). Podemos dizer que a motivação é um fator de extrema importância para uma melhor aprendizagem, do rendimento escolar e também do sucesso educativo. Um outro aspeto importante é a avaliação! Esta demonstra a capacidade de avaliar o desempenho dos seus alunos e oferece *feedback*. O *feedback* construtivo ajuda-os a melhorar e a ter sucesso. O docente consegue identificar problemas de aprendizagem na turma a nível coletivo ou individual oferecendo soluções para que consigam superar estas dificuldades. Pode-se concluir que são alguns dos aspetos pelos quais os docentes são

importantes na escola. Desempenham um papel fulcral no sucesso dos alunos e no desenvolvimento da sociedade como um todo (Amante & Oliveira., 2019).

3.3 Qual o impacto da Educação Física na Escola

Atualmente, entende-se a EF na escola como uma matéria que trata de desenvolver as habilidades motoras com finalidade de inserir e incluir o aluno nesse aspeto, criando um cidadão que vai produzir, reproduzir e também transformá-la. Nesse sentido, o aluno precisará de ser instrumentalizado para desfrutar atividades, desportos como por exemplo: danças, lutas, ginástica e da melhoria da qualidade de vida (Betti, 1991).

A EF na escola tem um impacto significativo na vida dos alunos, contribuindo para o desenvolvimento físico, mental e social. Além disso, existem fatores que comprovam que a Escola tem um impacto importante na vida dos alunos, começando por melhorar a saúde física na realização de atividades físicas, que contribui para reduzir o risco de doenças cardiovasculares, obesidade, diabetes e sedentarismo. Sabendo das causas do aumento de peso corporal das crianças, jovens, adolescentes e o baixo nível de atividade física, leva com que a EF possa efetivamente ser utilizada como meio preventivo de obesidade (Santos et al., 2007).

E para além disso, o desenvolvimento motor que a EF potencia, contribui para melhorar a coordenação motora, equilíbrio, agilidade, força e resistência física. Cabe ao professor procurar entender o melhor método de ajudar a preparar os alunos para a integração na sociedade (Bego & Anjos, 2020). A EF possui um valor importante na evolução social dos alunos, promovendo a interação entre os mesmos, a colaboração e o trabalho de grupo. Nesse sentido, a prática de atividades físicas pode ajudar a melhorar a autoestima dos alunos, que se sentem mais confiantes e satisfeitos com os seus corpos e habilidades físicas. Todavia, a atividade física também ajuda a reduzir o *stress* e a ansiedade dos alunos, proporcionando uma forma de libertar a tensão acumulada. A EF, na escola, pode ajudar os alunos a desenvolverem hábitos saudáveis de vida, que podem transitar para vida adulta. A prática frequente de atividades físicas pode ajudar a melhorar ou ter uma vida mais saudável e ativa, prevenindo doenças e

melhorando a qualidade de vida. Deste modo, a EF tem um papel relevante na escola, contribuindo para o progresso corporal, intelectual e social dos alunos, para além de promover hábitos de vida saudáveis. Ainda assim, na EF para verificarmos quais os alunos com potenciais ou com dificuldades, é necessário realizar uma avaliação teórica/prática sobre o seu desempenho nas aulas de EF, desse modo, avaliar implica ajudar os alunos a perceber quais as suas dificuldades e sobretudo, pretende ajudá-los a progredir garantindo condições para chegar ao sucesso (Darido, 2012).

3.4 Importância do Desporto Escolar na Região Autónoma da Madeira

O interesse do DE na existência escolar dos alunos deve ser privilegiada e salvaguardada. O DE é de grande dimensão para a EF e para a educação completa dos alunos. Além disso, o DE permite que os jovens tenham acesso à experiência de práticas desportivas. A prática desportiva tem a relevância na extensão da saúde, promovendo e auxiliando o progresso de práticas e estilos de vida mais saudáveis. Atualmente deverá ser marcante devido à questão da obesidade e do sedentarismo fruto da profusão das novas tecnologias (vídeos jogos, Internet, etc). Verifica-se uma baixa adesão dos alunos ao DE, ou seja, devido a outras distrações, como por exemplo, as novas tecnologias levam os jovens a estar cada vez mais apáticos e menos ativos. Segundo (Prudente et al., 2017), é fraca a participação dos jovens no DE, tanto a nível nacional como regional, apesar de uma melhoria relativamente a décadas anteriores. Importa, então refletirmos sobre a realidade, e aferirmos da necessidade ou não de uma mudança de atitude e de estratégia, de modo, a alcançarmos os objetivos, de uma maior participação dos jovens nas atividades do DE.

Assume-se também a importância na comensuração pública: a prática desportiva possibilita aos jovens uma convivência direta com integrantes da cultura desportiva, para além das fronteiras do Desporto e da Escola. A aprendizagem das normas da coadjuvação, da rivalidade, dos valores, do cargo e do espírito de equipa, da bravura para atingir limites pretendidas, do interesse de concretização de objetivos individuais e coletivos (instituição escolar).

O desempenho individual e coletivo dos alunos e professores na boa prestação desportiva assume a estrutura de laços entre as crianças e os jovens com outras instituições escolares e com sua própria escola, isto é, como o sítio que lhes concede a chance de se efetivarem e de fortalecerem as suas habilidades motoras, capacidades condicionais e coordenativas, mas também, é relevante lembrar, as cognitivas. O DE deve ser olhado como uma matéria que integra na opção de aprendizagem nas disciplinas nucleares e não como uma matéria para que os alunos possam fugir do “ensino”, a partir da qual deve ser estruturada e trabalhada a transversalidade das rotinas que originam o favorável desempenho desportivo. Se alunos e professores possuírem esta aptidão de transportar o trabalho contínuo e a disciplina organizada são essenciais para o sucesso desportivo, a pessoalidade da educação e da aprendizagem possuirá quaisquer hipóteses de elevar à junção dos resultados escolares dos nossos alunos. Porém, como já referido anteriormente, a escola não deve ser somente o local onde os jovens dispõem de infraestruturas e instantes para praticar desporto, enquanto parte integrante do Projeto Educativo e do Plano de Atividades das instituições de educação, o DE deve estar ao serviço da escola pública. Para além disso, é fundamental para a geração de cidadãos saudáveis, ativos e conscientes.

3.5 Educação Física inclusiva: comunicação é a chave para a inclusão

A inclusão na EF é um tema importante. A EF, é vista como uma matéria pouco valorizada na escola. Visto que a EF, pode trazer muitos benefícios para os alunos, mas que também pode excluir, aqueles que não se encaixam nos padrões tradicionais de habilidades físicas. Na EF, a inclusão ainda precisa de melhorias, existindo ainda alunos que não se encontram enquadrados. Contudo, existem professores que lecionam as aulas incluindo os alunos com necessidades especiais, garantindo que todos os alunos consigam participar nas atividades (Melo et al., 2013).

A inclusão na EF significa garantir que todos os alunos tenham acesso a essa disciplina e que possam desfrutar dos seus benefícios, independentemente das suas habilidades físicas, deficiências ou condições especiais. Existem

diversas formas de inclusão na EF, por exemplo, a adaptação ao programa que deve ser integrado para entender as necessidades dos alunos portadores de deficiência ou condições especiais. Inclui-se a utilização de materiais adaptados, a modificação de atividades e a criação de rotinas personalizadas. O professor de EF deve valorizar a diversidade dos alunos, respeitando as suas diferenças e incentivando à aceitação mútua. Poderá ser feita através de atividades que valorizam as diferenças e a criação de um ambiente inclusivo e acolhedor.

A formação contínua de professores é importante para que recebam esta formação em relação às necessidades dos alunos com deficiências ou condições especiais. Inclui formação técnica de adaptação de atividades e treino específico de equipamentos adaptados. É importante a comunicação dos professores com os pais. O professor deve possuir capacidades comunicativas com os pais dos alunos com deficiências ou condições especiais para garantir que as suas necessidades sejam atendidas e direcionadas para a disciplina (Leite, 2016). Para garantir uma reconstrução educacional em prol ao inclusivo, Chicon (2008), Fonseca (2009) e Cruz e Soriana (2012) dão ênfase à necessidade de criar docentes capazes de serem críticos, reflexivos e seguros na educação. O professor inclusivo acredita que a junção dos conhecimentos com a prática torna-se imprescindível (Chicon, 2008).

3.6 A Escola: a experiência começa aqui!

3.6.1 Caracterização da escola

O primeiro contacto com a Escola Básica e Secundaria Dr. Ângelo Augusto da Silva, foi bastante positivo. As informações prévias recolhidas eram positivas. Um dos objetivos desta Instituição de Ensino é integrar os jovens na sociedade. Todos os estagiários foram recebidos simpaticamente pelos elementos do Conselho Executivo, disponibilizando-se, desde logo, para colaborar ao longo do ano letivo. É de elogiar o Presidente do Conselho Executivo que esteve constantemente disponível para colaborar a nível de atividades escolares desenvolvidas. No dia em que foi feita a apresentação das Professoras Cooperantes, Cristina Caré e Susana Cró, realizou-se uma visita guiada pela escola. O foco nesta visita foram os espaços disponíveis e específicos para as

aulas de EF. Foram apresentados também os elementos não docentes que também revelaram muita simpatia e colaboração. De facto, contribuíram para que se criasse um ambiente positivo na escola e para que todos os estagiários se sentissem integrados.

Há ainda espaço para referir o grande apoio de outros professores, quais sejam o delegado responsável pelo departamento de EF e as responsáveis pelas instalações desportivas. Foram bastante prestáveis durante a organização do “Festival da Escola da Levada” (evento destinado aos discentes da Escola) Antes de iniciar as aulas, realizou-se uma reunião geral de professores, o que mostrou ser bastante importante dado que os estagiários ficaram a par dos assuntos em voga no início do ano letivo. Na altura, o tema principal era a manutenção do pavilhão e dos espaços exteriores, dado que havia a possibilidade de não estarem disponíveis para as aulas.

3.6.2 Departamento de Educação Física

O departamento de EF da Escola Básica e Secundária Augusto Ângelo da Silva é constituído por vinte e dois professores de EF e por seis estagiários. Os estagiários participaram em todas as reuniões. A relação entre professores foi boa. O espírito de grupo foi fantástico! Os professores manifestaram entreatajuda e revelaram ser um grupo muito acolhedor, o que foi essencial para a integração e crescimento profissional e emocional dos estagiários. Todos os professores lutam pelo melhor da escola e o melhor para a EF. Foi bastante útil privar com a experiência, serenidade e a capacidade intelectual e a gestão de opiniões do grupo por parte da Coordenação, a cargo do professor Adérito Nóbrega. É de enaltecer toda a disponibilidade dos elementos do departamento que se disponibilizaram na ajuda de tarefas, disponibilizaram espaços para as aulas, tudo em prol do Núcleo de Estágio. Ainda há a salientar, para além da professora Cristina Caré, a professora Susana Cró! A sua boa disposição e a disponibilidade de partilhar o material foram essenciais. Os professores Ricardo, Osório e Nélio também merecem uma nota de agradecimento por facultarem espaços para lecionar as aulas. E um dado importante em termos emocionais, foi o trato dos

professores da Escola dado se relacionaram sempre como colegas de profissão e não exercendo autoridade para os estagiários.

3.6.3 Núcleo de Estágio

A preferência da escola para a concretização do estágio pedagógico foi uma ótima escolha. Os elementos constituídos pelo núcleo são trabalhadores e estão sempre prontos para colaborar. Segundo o relato de alguns colegas de anos anteriores, o estágio é um ano de muito trabalho e que necessita de colaboração de todos. Um aspeto positivo foi a distribuição dos horários. Foram sempre compatíveis sendo que os estagiários lecionavam em dias diferentes. A solução encontrada para estabelecer reuniões foi usar a aplicação *zoom*. A vontade férrea e uma organização forte resultou na criação de métodos de trabalho sempre em prol da Escola. Os ritmos de trabalho eram diferentes e foi exigida uma grande prova de união e superação. Foi, sem dúvida, um grupo ligado, extrovertido verificando-se uma ligação de afeto muito grande entre todos. É de enaltecer todos os esforços que o núcleo foi aplicando ao longo do ano letivo em prol da escola e a aquisição de conhecimentos assim como o aprimorar da habilidade enquanto professor estagiário com o apoio de todos os professores cooperantes e de outros colegas.

3.6.4 Corpo Discente 8ºano

A escolha das turmas pelos estagiários foi por iniciativa própria e com consentimento das Professoras Cooperantes. Foi dada a oportunidade de lecionar uma turma até ao final do ano letivo e esse aspeto foi positivo. A turma do 8.ºano era composta por 20 alunos, 6 do género masculino e 14 do género feminino. A turma era constituída por alunos irrequietos, com imensas lacunas em termos de habilidades técnicas. Deste modo, foi um acompanhamento trabalhoso, isto é, requeria uma forte capacidade de liderança, autoridade, afetividade e principalmente paciência por parte do estagiário. Esta caracterização resultou num enorme desafio, mas que serviu para adquirir experiência e ajudar estes alunos no processo de ensino-aprendizagem. A turma não apresenta alunos provenientes de outras escolas, mas sim de outras turmas da mesma escola. Assim verificaram-se, desde logo, vários subgrupos e alguns alunos isolados da turma. Por forma a imperar o respeito mútuo, o foco passou pela aquisição de laços, para além da aquisição de matérias escolares. Desde o

início do ano letivo, a turma mostrou ser difícil de trabalhar. Tudo era pretexto para estragar o planeamento da aula. Poucos foram os alunos que mostraram empenho, dedicação e respeito. Esta situação originou a procura constante de novas estratégias, obrigando a um papel mais autoritário e menos flexível, por forma a conseguir superar estas dificuldades sentidas. É de enaltecer 7 alunos que colaboraram e respeitaram ao longo de todo o ano letivo. O comportamento da turma foi como um teste à capacidade de controlar o grupo. Tendo como foco nunca perder o controlo emocional, adaptando sempre ao contexto inserido e preocupado em conhecer os alunos para os conquistar e perceber a melhor forma de gerir a sua energia com as tarefas a cumprir. A importância de saber agir e moldar aos comportamentos de cada aluno, por forma conhecê-los e aplicar novas estratégias para ganhar a sua confiança e respeito é a melhor forma e maneira de controlar uma turma. Por fim, a satisfação pelo sucesso alcançado com a execução do planeamento de lecionar todas as aulas. Sabendo a das dificuldades sentidas, a motivação e o empenho foram peças essenciais para a superação ao longo desta caminhada em conjunto com os alunos. Foi estabelecida uma ligação fruto do profissionalismo, cooperação e de amizade.

3.6.5 Corpo Discente 10ºano

Com a escolha da turma do 8º ano verificou-se automaticamente a seleção de uma turma do curso profissional. No caso, foi uma turma do 10.ºano. A turma era constituída por 3 alunos do género feminino e 17 alunos do género masculino. Foi atribuída uma turma do curso profissional Técnico de Desporto, algo muito positivo para testar os conhecimentos adquiridos. Sendo uma turma de curso profissional, apresentava uma faixa etária mais elevada. Foi uma turma que apresentava muitas capacidades de aquisição das habilidades técnicas abordadas ao longo das aulas e uma fantástica capacidade motora. Contudo, existiam alguns alunos cujo comportamento não foi o melhor, mas que na prática, eram os melhores executantes da turma. Se o seu comportamento fosse o correto, seriam, sem dúvida, os melhores da turma. Porém é de enaltecer os alunos pelo esforço que fizeram ao longo destes 7 meses. E mesmo sabendo que as aulas eram lecionadas por um professor estagiário, toda a turma colaborou no sentido de tornar um sucesso as aulas e assim permitir evoluir

enquanto no ensino-aprendizagem. Praticamente todos os alunos mostraram empenho, dedicação e respeito nas aulas. Foi uma busca constante à procura de novos desafios, ou seja, de exercícios mais complexos porque o nível da turma era muito bom. É de enaltecer a postura destes 20 alunos que colaboraram ao longo das aulas. Assim tornou-se mais fácil o controlo da aula, ou seja, os mesmos não perturbavam as aulas e procuravam sempre aprimorar as suas habilidades técnicas e táticas. Por fim, a satisfação por finalizar este desafio com sucesso conseguindo lecionar todas as aulas apesar da consciência das dificuldades sentidas. A superação das dificuldades deveu-se ao espírito de entreajuda dos alunos e a ligação estabelecida com base no profissionalismo, respeito, cooperação e de amizade.

3.6.6 Experiência dos mais pequeninos 6ºano

No período final do 3º Período existiu a possibilidade de lecionar duas semanas a uma turma do segundo ciclo. A turma era do Professor Venâncio Andrade sendo constituída por 24 alunos traquinas. Sendo o *background* inicial as turmas dos 8º e 10º ano, este foi um impacto positivo no primeiro dia de aulas. Existiu um pequeno receio inicial em assumir esta turma do 6º ano. Após a primeira aula, foi notório a sua pontualidade, mas espírito irrequieto com foco na aprendizagem. Estas crianças desejavam tarefas, desafios, competição estando sempre em empenhamento motor. Foi também preciso ter alguma precaução devido às idades e à falta de maturidade destas crianças obrigando a uma atenção extrema para garantir a segurança de todos. Das seis aulas lecionadas foi um privilégio adquirir esta vasta experiência do segundo ciclo, servindo para transportar alguma experiência para o futuro como profissional de educação.

3.6.7 Cronograma do estágio

O cronograma do estágio de EF pode variar de acordo com a Instituição onde o mesmo é realizado, mas que geralmente inclui uma combinação de atividades teóricas e práticas para que o estagiário tenha uma experiência

os mais relevantes para os alunos. Sabendo que planejar segue algum senso comum e também tem o seu papel importante no planeamento, isto é, em caso de dúvidas/incertezas e com poucas alternativas o senso comum entra para ter uma tomada de decisão.

De acordo com Mesquita (2005), fazer um plano permite delinear aquilo que tem de ser colocado em prática, como deve ser realizado e quem é que o deve efetuar, isto é, planejar não é apenas teorizar no papel ou definir uns tópicos. A arte de planejar consiste em saber quais os conteúdos necessários para aplicar ao nível dos alunos assim como organizar as atividades por uma ordem lógica com progressões pedagógicas de ensino fundamental e a capacidade de colocá-los em prática e como aplicá-la.

No início, é normal que o próprio docente tenha várias dúvidas em relação aos conteúdos de ensino, isto é, após efetuar as avaliações diagnósticas e atribuir um nível à turma fica difícil de definir quais os conteúdos mais adequados para os alunos com quem vai trabalhar, o que se reflete na maneira como se pensa, age e desenvolve as práticas de ensino (Graça, 2001). Esta escolha dos conteúdos deve levar em consideração as habilidades, capacidades e interesses dos alunos, bem como as metas do currículo; organizar o planeamento de forma a incluir uma progressão pedagógica, que permite o desenvolvimento de cada aluno em termos de habilidades físicas e de conhecimentos teóricos; utilização de estratégias adequadas que permite atender às necessidades de aprendizagem dos alunos, com uma instrução direta, cooperação, uso de novas tecnologias e aprendizagem experimental; não menos importante, mas a capacidade do docente adaptar o planeamento e que esteja disposto a adaptá-lo conforme a precisão para atender às necessidades dos alunos, isto é, incluir a modificação de atividades ou a introdução de novos conteúdos para uma obtenção de conhecimentos para uma aprendizagem fulcral dos alunos.

Considerando, assim, que ao seguir estas etapas são ferramentas fundamentais para o docente evoluir e construir a sua própria ação. Sabendo e sentindo, uma vez que eu tive de realizar e seguir um planeamento, isto habilita-me a estar muito mais organizado e ficando um passo à frente dos outros, permanecendo apto para colocar tudo em prática e se necessário apropriar conforme os motivos. Segundo Graça (2001), o mesmo confirma que planejar

deve ser uma via aberta para melhorar o ensino de maneira estratégica, essa estratégica deve ser rigorosa, coeso com os programas, os próprios níveis de desempenho dos alunos, como os espaços para lecionar as aulas e os materiais didáticos fornecidos pela escola. O mesmo autor confirma, que planejar é como uma via aberta para contemplar o ensino de forma estratégica, onde essa estratégia deve ser rigorosa, ao mesmo tempo, coerente com os programas, níveis de desempenho dos espaços e materiais didáticos da escola. Podemos organizar um planeamento eficaz na EF, ajuda-nos a garantir que os alunos alcancem os seus objetivos de aprendizagem e consigam melhor e ter um estilo de vida mais saudável e ativo.

4.1.1.1 Conceção de Educação Física

A EF tem sido interpretada como uma matéria que trabalha apenas o físico e também é vista como recreação, que associa a atividades de lazer. Por este entendimento a EF resulta de um intervalo no trabalho árduo na educação. Além disso, EF é apenas para divertimento e não tem contributo para a educação (Capel, 2013).

Com o decorrer dos anos, a EF atravessou diferentes concepções e tendências. A EF é uma matéria essencial porque visa desenvolver habilidades técnicas, táticas, capacidades condicionais e coordenativas assim como a cultura desportiva. Contudo, ainda contém a sua própria cultura, com um conjunto de crenças e valores, ou seja, existe um conjunto de conteúdos que são abordados e transmitidos aos alunos na EF. Com o decorrer do tempo, no entanto, a perspetiva mudou para incluir a saúde e do bem-estar físico e mental, bem como o melhorar das habilidades motoras e a socialização dos jovens. Hoje, a EF é vista como parte essencial do currículo escolar, que visa melhorar a qualidade de vida dos estudantes. As práticas educacionais em EF também evoluíram. Antes, o foco estava nas atividades físicas e na aptidão física geral. Agora, a ênfase é na participação ativa, na inclusão e no desenvolvimento de habilidades motoras fundamentais, bem como na valorização da diversidade cultural e das diferenças individuais.

Provavelmente, a EF é uma das únicas matérias escolares que faculta a oportunidade de os alunos conseguirem conhecer e fortalecer as suas capacidades motoras, cognitivas e sócio afetivas. É ainda a disciplina que disponibiliza a aquisição de diversos conhecimentos por forma a abranger as mais variedades práticas corporais do Desporto. Possivelmente será a única disciplina da Escola que permite e aplica a prática de exercício físico este passando por um meio elementar para alcançar os objetivos educacionais. A EF não é apenas uma prática eficiente para promover a saúde ou disciplina aos jovens, mas também uma prática altamente educativa. Além disso, consegue defender o ensino do movimento sendo a única forma habilitada de progredir a chamada “educação integral”. A disciplina é pouco valorizada pela população, ou seja, é vista como sendo uma disciplina inútil para o Ensino. É desta forma que a nossa sociedade avalia a disciplina! Segundo Masurier e Corbin, (2006) a EF em comparação com as outras disciplinas é a única da Escola que permite aos alunos conseguirem desenvolver as suas capacidades, participando de forma autónoma e com variedades de práticas corporais e desportivas.

A palavra aprendizagem tem um forte significado para a Educação, relativamente ao aluno. Trata-se da vontade do aluno em aprender. É a força como o aluno interpreta a atividade da aula. A EF deveria ser vista como aprendizagem para o rendimento, sendo um ensino centrado no aluno como já referido anteriormente. Atualmente, tem-se vindo a desenvolver a aptidão física como uma disciplina de lazer. Tal visão não pode ser corroborada dado que devia estar mais focada na relação do rendimento do aluno e também em termos académicos, ou seja, a sua aprendizagem e como aprendem. Deve-se manter centrada no aluno, mantendo uma forte ligação entre o indivíduo, sociedade e cultura. Qualquer docente de EF tem a obrigação de colaborar e de ajudar todo o aluno a compreender e se relacionar com a própria cultura do Desporto para além da forma de lidar com a “corporalidade”, normas, regras e culturas.

O desenvolvimento do aluno e do professor está dependente também do meio. O aluno acaba por ser um ser ativo no entendimento que a EF ultrapassa o físico e na compreensão da ação pedagógica, do relacionamento com o desporto, contacto, sentir, ver, ouvir e estar ativo. O processo e o resultado são fundamentais. A forma como se ensina e como se evolui são muito mais

importantes do que os resultados. Isso não significa que o resultado não é importante, mas sim a consequência do seguimento do processo. É importante deixar este pensamento contra verso que a EF apenas trabalha o corpo e de um entretenimento para os alunos, é necessário avançar e deixar de ver a EF como um adorno curricular e focar-se na colocação da aprendizagem no centro das preocupações (Hardman, 2015).

4.1.1.2 Ser professor e a sua intervenção

Ser professor é uma das profissões mais importantes e desafiadoras do planeta. O professor é o responsável por transmitir conhecimentos e valores para os seus alunos, contribuindo para o progresso pessoal e mental de cada um deles. Posto isso, o professor tem o papel de estimular a opinião crítica, a capacidade de criatividade e a habilidade de corrigir problemas dos seus alunos. O professor tem uma função única na escola. Contém uma ligação entre o contexto interno e contexto externo da escola. O papel do professor não está definido e nem valorizado. Posto isso, não devemos esquecer que o professor é fruto de um contexto histórico e social (Cunha (1996).

Ser professor pode ser uma atividade desafiadora, mas também é uma das mais gratificantes. O professor tem a chance de contribuir significativamente para a formação dos seus alunos, colaborando para ajudá-los a melhorar as suas habilidades e competências que serão úteis para o resto da sua vida. De acordo com Machado (1995), o professor tem uma função de moldar jovens e deixar marcar futuras e significativo nos alunos. O professor tem a responsabilidade de fornecer experiências aos seus alunos que, por vezes, são boas ou não. A intervenção do professor contribui para o processo de aprendizagem dos alunos e também do desenvolvimento pessoal e social. A intervenção do professor deve ser planeada de forma a garantir que os conteúdos estão direcionados para o nível da turma, tornando-os acessíveis e compreensíveis.

É importante o professor incentivar à autonomia e criatividade dos alunos, para buscar soluções inovadoras e assumir o compromisso pela sua exclusiva aprendizagem. Na intervenção, é relevante relembrar que toda a turma é única e cada uma demonstra as suas características totalmente distintas, o que

significa que a intervenção do professor deve ser adaptada de concordância com as necessidades e singularidades de cada aluno. Segundo (Neves, 2023, p.24) “ser professor atualmente em Portugal e noutros países, os sistemas educativos estão a ser confrontados com o envelhecimento dos seus professores. Os discursos pouco fundamentados e contraditórios de responsáveis ao longo dos anos, criaram a ideia na sociedade portuguesa de que nunca precisaríamos de mais professores. Acontece que os cortes “cegos” na Educação, cruzadas com as evoluções migratórias e as necessidades do próprio sistema, vieram a evidenciar que a situação de carência de professores a médio prazo, nos devem preocupar”. No conselho nacional de educação em 2019, averiguou-se a tabela de envelhecimento da população docente, aproximando-se de uma saída em massa que poderá rondar os 30 000 professores dentro de oito anos.

4.1.1.3 Planeamento anual: para que serve

A planeamento anual (PA) é um documento realizado com toda a preparação do ensino para o ano letivo, sobretudo, uma compreensão e aprofundamento de objetivos desenvolvidos, bem como, a organização dos conteúdos e matérias a lecionar. Assim, (Stipanov, 2005) conclui que dois terços dos professores com experiência não sentem dificuldades nas tarefas de planificação, enquanto a maioria dos estagiários assinala dificuldades, em que as maiores residem na adequação do conteúdo às capacidades dos alunos e na plasticidade e ajustamento dos planos às situações inesperadas.

No início do ano letivo foi elaborado um documento com o (PA) com a indicação de todas as modalidades e as respetivas cargas horárias. Foi necessário recorrer ao Programa Nacional de EF, neste caso para 2º ciclo, 3º ciclo e secundário. Estes documentos privilegiam e auxiliam na ajuda a planificação dos conteúdos para as distintas modalidades a serem abordadas no decorrer do ano letivo na sua respetiva calendarização. O calendário escolar e o PA, são importantes na perspetiva da organização (saber o que lecionar e quando lecionar) e são um auxílio para o ensino, compreensão e o aprofundamento de objetivos para a aprendizagem.

Pacheco (1995) indica que o planeamento é um processo de revisão que constitui todo o método de ensino-aprendizagem. Já Januário (1996) vai mais a além ao determinar o planeamento, acha que é um processo pela qual os professores utilizam programas escolares, procedendo a função de os desenvolver e de os apropriar às condições de cenário de ensino.

As modalidades colocadas no PA foram: Andebol, Atletismo, Ginástica, *Badminton*, Dança, Voleibol, Futebol, Orientação e o *FitnessGram* incluindo os testes do Vaivém, Abdominais e Salto no Horizontal. Para lecionar estas materiais foram utilizados vários métodos de ensino, nomeadamente por estilo de ensino por comando e o Modelo de Educação Desportiva (MED) (Siedentop, 1987).

No 1º Período, foram destinadas 2 matérias de ensino, nomeadamente o Andebol nos quais foram lecionadas 19 aulas no sentido de aprimorar os gestos técnicos da modalidade e competitividade em jogo formal e o Atletismo sobre o qual foram lecionadas 19 aulas. Seguidamente foram atribuídas 3 aulas para realizar o *FitnessGram*. Em atletismo, foram abordados o salto em comprimento, a corrida de estafetas e o salto em barreiras. A escolha deveu-se ao potencial de competitividade entre os alunos, sendo que o estagiário é que tomava todas as decisões, nomeadamente nos exercícios. O controlo da aula foi fundamental para que a turma não criasse hábitos e comportamentos fora do contexto. Passando para o Andebol, sendo uma modalidade coletiva, o foco foi no aperfeiçoamento das habilidades técnicas como também a realização de jogos entre a turma.

No 2º Período, foram destinadas 12 aulas de Voleibol, 12 tempos de *Badminton* e 12 tempos de Ginástica. Relativamente aos jogos desportivos coletivos, foi realizado o (MED) com a criação de eventos culminantes com árbitros, capitão, adeptos entre outros, para que o ambiente da turma fosse saudável e competitivo. No Voleibol, foram feitos vários jogos de *Smashball*, ou seja, a turma não conseguia realizar jogos normais de 2x2 e 3x3. No *Badminton*, foram realizados torneios de singulares de forma a promover a competitividade na turma e aprimorar os gestos técnicos solicitados na modalidade. Na ginástica, foram lecionados 6 tempos de ginástica de solo e 6 tempos de ginástica de aparelhos.

No 3º Período, foram destinadas 7 aulas de orientação, 9 aulas de Futebol e 9 aulas de dança. O MED foi implementado no futebol. A escolha da Orientação, deveu-se a esta ser uma modalidade interessante para explorar a natureza de forma lúdica e competitiva dando liberdade de exploração e contacto com a natureza. A escolha da Dança teve um propósito de lecionar danças tradicionais nomeadamente o “regadinho” e “Erva Cidreira” Porém, este é um documento que deve estar sempre presente com o professor. O PA será um documento que não deverá estar fechado, pois poderá estar sujeito a alterações devido às necessidades do confronto com o contexto real da EF.

4.1.1.4 Unidade Didática: Processo da experiência Pedagógica

A Unidade Didática (UD) é um conjunto de conteúdos organizados, experiências e atividades sobre uma modalidade, neste caso falamos sobre EF. O foco principal é a aprendizagem destes conteúdos para os alunos e obviamente com um professor (Faria Júnior, 1977).

Depois da realização do PA, surge o planeamento das Unidades Didáticas. Uma UD é um conjunto de matérias e estratégias pedagógicas planeadas para ensinar um determinado conteúdo num período. É composta pelos objetivos de aprendizagem específicos, estratégias de ensino adequadas para os alunos, incluindo as avaliações formativas e sumativas, como também os recursos didáticos que ajudam no processo de aquisição. A realização deste planeamento é uma das tarefas mais importantes que o professor pode ter. A UD é organizada em torno de uma matéria que tem um tema central ou um objetivo de aprendizagem, com determinadas atividades que são progressivamente desafiadoras e que levam aos alunos a um nível de compreensão mais profundo do conteúdo. Esta pode ser implementada através de vários métodos de ensino, adaptados às necessidades e características de cada aluno. O planeamento de uma UD é essencial no processo de ensino-aprendizagem, ajuda os docentes a identificar os objetivos de aprendizagem, selecionar os conteúdos, estratégias, exercícios com progressões pedagógicas mais adequadas para o contexto e avaliar o processo de ensino. Podemos dizer que existem três fases de planeamento da UD, uma pesquisa profunda e bem fundamentada sobre a

matéria que vai lecionar e a escolha dos conteúdos mais apropriadas, quando mais perto da sua aplicabilidade em aula, necessita que a UD esteja bem estruturada para a necessidade de elaboração de planos para cada aula de uma mesma UD (Faria Júnior, 1977).

A Avaliação Diagnóstica (AD) é o primeiro momento de avaliação decorrendo na primeira aula da UD. Esta permite que o docente perceba individualmente e coletivamente o nível da turma para cada conteúdo. De acordo com, Rosado et al., (2022), indica que a avaliação é extremamente importante, o professor capta imensa informação sobre o aluno, ainda assim é possível verificar a sua eficiência na prática dando feedback sobre a sua evolução e o patamar alcançado pelo aluno, através desta AD o professor orienta a sua atuação, permitindo refletir sobre o modo como vai desenvolver as habilidades dos alunos. Apercebe-se dos erros mais comuns e as competências da turma. No que toca à Avaliação Formativa, este tipo de avaliação decorre durante todo processo. Trata-se de uma avaliação contínua com uma análise e recolha de dados dos alunos, através desta recolha facilita na organização e na gestão do planeamento. Não menos importante, mas sendo necessária, a Avaliação Sumativa, normalmente é realizada na última aula da UD. Pois, oferece os dados relativamente ao nível de aprendizagem e o respetivo progresso dos alunos, indicando se foram capazes de alcançar os objetivos pretendidos para a UD.

As Unidades Didáticas elaboradas tiveram por base o Modelo de Estrutura do Conhecimento (MEC) de Vickers (1990) e seguiram o MED. Seguindo este modelo, é necessário aplicá-lo em três etapas: Estruturação da Época, Época Desportiva e Evento Culminante. Na preparação da UD foi necessário pensar em determinados fatores, como por exemplo, a quantidade de aulas previstas, sabendo que a primeira aula é quase sempre avaliação diagnóstica e a última avaliação sumativa, bem como todos os conteúdos necessários abordar, a organização e a consolidação destes conteúdos. Além disso, foi necessário transmitir aos alunos o funcionamento do modelo, isto é, nomes das equipas, introdução *do nonplaying roles* (treinador, capitão, treinador-adjunto, árbitro, cronometrista e delegado de mesa, fotógrafo), explicando cada função aos alunos. No que toca à época desportiva, esta foi muito curta porque englobava a introdução e exercitação dos vários conteúdos, sendo que foi aplicado no

terceiro período e com o número de aulas reduzido e existindo necessidade de ajustar. O MED vai ao encontro da necessidade das aprendizagens. Compõe um modelo curricular que permite um plano coerente para o ensino na Escola. O modelo estabelece uma forma de uma EF lúdica e criativa, permitindo assim criar um ambiente cheio de experiências desportivas, proporcionando a origem de um contexto desportivo significativo para os alunos na relação da Escola com o Desporto e a competição. Os alunos, necessitam de mais tempo para exercitar os conteúdos porque o MED tem muito mais para aprender e é preciso de mais tempo, ou seja, mais aulas para se dar uma autonomia aos alunos com a menor interferência por parte do docente. Ainda assim, é preciso que os alunos tenham um mínimo de competências para conseguirem dirigir com mais frequência as atividades. Analogamente à fase do evento culminante, nestas aulas, sendo o foco na festividade, a união de turma, a relação com o próximo, a criação de laços e o enfrentar problemas e desafios, não deixando de parte a avaliação, que será incluída nesta fase.

Segundo Hastie (1998) a relação do MED às abordagens tradicionais com a sua preocupação de diminuir a exclusão, dando a possibilidade de a integração de todos os alunos promovendo a luta para ajustar a competição com a inclusão. Devemos manter um equilíbrio para prevalecer a oportunidade da integração de todos os alunos e evitar que a participação seja diminuída por parte dos alunos. Assim, o critério de formação de grupos permite que as equipas sejam homogéneas em toda a competição, mas também o progresso de relações de cooperação, clima social e entreajuda na aprendizagem (Siendentop,1998). Deste modo, a planificação desta UD foi privilegiada pelo trabalho, foco, desempenho, objetividade de criar um evento culminante e rentabilizar tempo para exercitar os conteúdos, proporcionando uma aprendizagem focada no aluno.

4.1.1.5 Plano de aula: o dia a dia

O plano de aula é, de certa forma, uma orientação para o ensino de uma sessão em peculiar, referenciando os objetivos e os conteúdos para a aula, ajudando na planificação do período e adequando a uma imagem mental em que o professor projeta a realização da aula, tendo em conta o nível da turma e as

decisões tomadas em prol da turma. É relevante compreender as primordiais etapas da planificação, pois transversalmente do saber dessas etapas, o professor conseguirá descrever com maior transparência os seus objetivos, de maneira que passará a desenvolver os exercícios, os conteúdos que serão abordados e como fará a reflexão ao longo do processo (Oliveira et al., 2018). O nível de planificação é sempre pormenorizado, e foi sem dúvida alguma, a realização e a preparação pensada com a construção das Unidades Didáticas. Segundo Metzler (2011) um ótimo planeamento da UD permite que o plano de cada aula contenha os conteúdos necessários para serem abordados.

No seguimento do conceito de cada aula planeada com um prepositivo que seja organizada e estrutura regularmente em três partes: parte inicial (que consta a explicação dos objetivos da aula e o aquecimento), parte fundamental (os exercícios com progressão pedagógica aplicados para trabalhar os conteúdos destinados para a aula) e parte final (com um balanço sobre a aula e os respetivos alongamentos).

Eventualmente no plano de aula, a parte inicial era quase sempre idêntica, ou seja, o controlo das presenças dos alunos, bem como a explicação da estrutura de toda a aula e os objetivos pretendidos, alguma interação com os alunos e criar uma empatia positiva logo no início da aula. Além disso, estas informações transmitidas fazem com que os alunos se envolvam no processo porque já sabem o que tem de fazer e o que alcançar. Na parte em que se refere à motivação do aluno, o docente necessita colocar tarefas desafiadores para que estes não percam a motivação e tenham um propósito na tarefa (ex. qual o propósito da tarefa, os ganhos, etc.). Estes ficarão desmotivados e também diminuirá o seu empenhamento motor nas próximas aulas.

Na parte fundamental, que é a mais longa das três partes, cumpriam-se as funções didáticas da aula. Para esta parte, foi fundamental a estruturação, organização de exercícios com progressões pedagógicas, devido ao empenho/motivação contribuindo para várias pesquisas constantes de exercícios que se sobrepusessem ao nível dos alunos e das reflexões de cada aula, na medida em que ia consolidando os conteúdos. Respetivamente na preparação de cada aula, foi tida em conta os conteúdos da modalidade, através da UD, efetuando desta forma a progressão nas aprendizagens. O tempo concedido para cada exercício estava pensado de modo a contemplar a

instrução e o empenhamento motor que os alunos deveriam atingir na tarefa e promover a prática desportiva de todos os alunos, mantendo sempre um nível de motivação elevada, empenhamento elevadíssimo e importantíssimo na dinâmica de aula, tentando diminuir qualquer aparecimento de desmotivação e falta de empenho dos mesmos.

Segundo Bento (2003) a concentração na realização do plano de aula é essencial e fundamental para uma exigência de qualidade e deve-se refletir na unidade de preparação e realização, tal como na unidade de conteúdos e objetivos, de aspetos didáticos e metodológicos, além disso é necessária uma preparação prévia antes de lecionar cada aula. No entanto, nesta fase, a implementação do MED também teve um papel importante, uma vez que, apesar de inicialmente desenvolver a instrução das tarefas mais simplificadas aos alunos, treinadores, capitães entre outros, ao longo das aulas, estes já conseguiam liderar mais facilmente as tarefas na parte fundamental. De acordo com o documento fornecido a cada capitão, de modo que os mesmos organizassem a sua equipa e as respetivas funções de cada, e transmitissem o que era proposto por mim aos árbitros, a capacidade de interpretar as regras do jogo e honesto e “limpo”, aos cronometristas e delegados de mesa a organização e gestão dos quadros competitivos e boletins de jogo. Esta autonomia dada, requer imenso trabalho, isto é, uma boa organização das tarefas e também saber gerir as dificuldades da turma sabendo que a mesma poderá não ter muita capacidade de autonomia com a implementação do MED. A sua aplicabilidade permitirá aos alunos desenvolverem a sua autonomia com o auxílio do professor. Na primeira aula foi prestado auxílio na organização e gestão das tarefas para que nas aulas seguintes estivesse mais centrada nos diferentes *feedbacks* a transmitir aos alunos, permitindo que a aula decorresse de uma forma mais fluída, dinâmica e também competitiva.

Mediante o exposto, na parte final da aula efetuou-se o balanço, ou seja, dando *feedback* às equipas de forma global sobre erros cometidos e também sobre os aspetos positivos durante a realização dos alongamentos e por fim, dando a última tarefa aos alunos de arrumarem e levarem o material para a arrecadação. Após esta parte e dando por concluída a aula, era procedimento participar numa reunião com a professora cooperante para receber algum *feedback* sobre a aula, sobre quais os aspetos negativos para uma reflexão em

conjunto. Tocando na parte do *feedback* sendo um meio fundamental para perceber os aspectos negativos na aula com o intuito de melhorar enquanto profissional de educação por forma a incrementar a *performance* do estagiário e virar foco nas aprendizagens dos alunos.

4.1.2 Aprendizagem

4.1.2.1 O primeiro “abraço” dado à turma

O primeiro “abraço” dado à turma foi o início de uma longa jornada. O primeiro dia como professor estagiário está gravado na memória. O estagiário chegou à Instituição de Ensino com algum receio e nervosismo porque iria iniciar a sua experiência como docente. A primeira aula começava as 14:25, mas o estagiário chegou antes à Escola para observar a aula do colega estagiário. Quando chegou a hora da aula, os alunos começaram a entrar pelo ginásio e entusiasmados por começar mais um ano letivo.

Deu-se a apresentação do professor estagiário onde foi enumerada a sua experiência, a faculdade onde se encontra a realizar o Mestrado, quais os seus interesses enquanto professor e no desporto tentando, desde, já criar uma ligação com a turma. Foram expostas as intenções para o ano letivo que se ia iniciar no que concerne aos comportamentos dos alunos nas aulas, como também a participação, respeito e a pontualidade. Além disso, foram informadas as matérias que seriam abordadas neste primeiro período e os critérios de avaliação a nível cognitivo e motor. O estagiário procurou conhecer a turma e as suas preferências relacionadas com a EF, ou seja, foi elaborada uma pequena caracterização da turma com várias perguntas para resposta com tempo limite.

Segundo Lopes (2009), quanto mais o professor compreender a dimensão do diálogo como postura necessária em suas aulas, maioríssimo avanço estará conquistando em relação aos alunos, pois desse modo, sentir-se-ão mais curiosos e mobilizados para transformarem a realidade. Quando o professor atua nessa perspetiva, ele não é visto como um mero transmissor de conhecimentos, mas como um mediador, alguém capaz de articular as experiências dos alunos com o mundo, levando-os a refletir sobre seu entorno, assumindo um papel mais humanizador em sua prática docente. É necessário lembrar-se que o primeiro

contacto com a turma é muito importante para estabelecer uma relação/ligação de confiança e criar um ambiente propício para o foco na aprendizagem.

4.1.2.2 A relação do professor com a turma

A relação do professor com a turma é um elemento crucial para o sucesso do ensino-aprendizagem e para conseguir ter uma intervenção ativa perante estes da melhor maneira. Uma relação positiva e uma interação agradável pode aumentar a motivação dos alunos, estimulando a participação e a colaboração, inclusive uma contribuição para um ambiente de aprendizagem mais seguro. Para que o professor tenha uma relação estabelecida o mesmo deve estar aberto para dialogar, ter a empatia e demonstrar respeito pelas individualidades dos alunos. É importantíssimo o professor mostrar interesse pelos seus alunos ouvindo as suas dúvidas, opiniões, sugestões, incentivar à sua participação nas atividades nas aulas e entendendo as suas necessidades e dificuldades. O estagiário procurou uma forma de conhecer a turma e cada aluno individualmente, através de uma caracterização da turma, procurando conhecer as vivências de cada um como também as vivências desportivas. Por outro lado, para que pudesse construir uma aprendizagem de acordo com os dados obtidos daquilo que era conhecido e por forma a proporcionar tarefas adequadas ou ajustadas a cada aluno. Acrescentando-se que, o primeiro contacto com a turma, inicialmente, permitiu, desde logo, retirar algumas deduções. Logo nas primeiras aulas foi possível entender que os alunos iram estar à responsabilidade do docente. Em conversa com a professora cooperante, a mesma informou que a turma não seria fácil de controlar devido ao seu comportamento. Foi necessário adotar uma postura adequada para enfrentar a turma, ora pautando pela exigência ora pautando pela tolerância. Existiu um certo receio que os alunos não fossem cumprir as regras pelo facto de as aulas serem lecionadas por um professor estagiário. Ademais, o 1º período foi mais uma fase de adaptação e de experimentação recorrendo a várias maneiras de impor na turma sendo que foi uma barreira difícil de ultrapassar. Bem como, no 2º Período foi importante a conquista da turma aos poucos, garantindo o seu respeito ao longo das aulas, mesmo assim foi necessário adotar uma postura mais exigente, dado que perante a tolerância, a turma abusava. Um aspeto positivo foi a relação “fora” da

sala de aula, ou seja, as conversas mantidas nos intervalos, nos momentos antes e após a aula, nos convívios realizados juntamente com outros professores. Esta convivência começou a ser mais fluida a meio do 2º Período permitindo que aumentasse o conhecimento sobre a turma e o mesmo em relação ao professor, fazendo com que a relação professor-aluno começasse a ser estabelecida. É essencial que o professor esteja concentrado na adversidade da turma, respeitando as diferenças culturais, socioeconómica e individuais dos alunos e ajustando a sua prática pedagógica ao considerar as características de cada aluno.

4.1.2.3 Observar para aprender

A observação, é uma estratégia muito utilizada para quem quer aprimorar o seu conhecimento. Perante a observação, pode-se receber informação específica sobre determinadas situações e comportamentos. Essencialmente no ano de estágio, é fundamental realizar observações. Enquanto estagiário, observava diariamente as aulas do colega e da professora cooperante. O objetivo passava por interpretar determinados erros, objetivos dos exercícios e considerar alternativas para eventuais variantes e progressões pedagógicas e se ia ao encontro dos objetivos do exercício. Após as aulas lecionadas, eram realizadas observações sobre as aulas do colega e colocadas questões de reflexão, *feedback* positivo sobre a aula e eventuais sugestões de melhoria. É muito importante transmitir uma mensagem positiva e motivadora e colocar estas questões. Além disso, observar é 'sair fora da caixa' e ter uma visão periférica sobre os acontecimentos e os diferentes significados através de uma visualização (Sarmiento,2004).

Para uma melhoria de ganhos na observação podemos utilizar sistemas de observação, para procurar um método de ensino e descrever o comportamento do professor e dos alunos (Carreiro Da Costa, 1980). A análise do ensino tem vindo a ajudar nos sistemas de observação. Porém um sistema de observação para Pourtois (1979), é um instrumento que serve para observar, classificar, quantificar e interpretar os fenómenos observáveis na aula. Por razões óbvias na observação das aulas de EF, cada vez é mais complexo, quanto mais dinâmico for, mais pessoas estiverem envolvidas mais difícil se torna a observação sistemática e o registo (Pieron, 1998).

4.2 Área 2 – A contribuição na escola e o envolvimento com os colegas

4.2.1. Desporto escolar

O DE é uma atividade escolar que promove rotinas de vida saudáveis e incentiva à prática de atividade física, colaborando a combater o sedentarismo e os vários problemas de saúde associados ao mesmo. Além disso, habilita o progresso de capacidades coordenativas e habilidades motoras. No início do primeiro período existiu a oportunidade de escolher uma modalidade para colaborar no DE e a escolha recaiu no Futsal, sendo uma modalidade que o estagiário praticou como atleta e que permite o desenvolvimento de habilidades motoras importantes, como a coordenação, o equilíbrio e a agilidade. O professor responsável pelo DE deu-me a liberdade e autonomia total para orientar a equipa de Juniores / Seniores nos jogos competitivos entre outras escolas, entre 31 de maio e 1 de junho. Além disso, o papel no DE não era tão focado no processo de ensino aprendizagem, ou seja, no ensino e aperfeiçoamento do rematar na bola, na realização da condução de bola, na finta entre outras habilidades. O papel passou mais pela interação com os alunos, a boa disposição, o *feedback* positivo e algum corretivo. Após ter ganho esta ligação com estes adolescentes, a relação passou a ser fantástica, demonstravam muito respeito e tinham apenas um objetivo, que era vencer. Os treinos de Futsal começavam às 13:30 nas quartas-feiras. Ainda antes da introdução ao DE, era lecionada uma aula. Por vezes e quando era chegado o tempo do DE, enfrentava alguma pequena desilusão com a aula anterior, quando não tivesse corrido bem e muitas vezes desabafava com o professor responsável pelo DE sobre o facto. O professor indicava algumas sugestões, dada a sua vasta experiência sendo que as mesmas foram acolhidas e aplicadas da melhor maneira.

Relativamente a estes jovens que ingressaram no Futsal, a sua aprendizagem foi mais focada no respeito, empenhamento motor e essencialmente pelas vivências no DE. Estes jovens competiram com outras escolas, como: Escola Básica dos 2.º e 3º Ciclos da Torre, situada em Câmara de Lobos; Escola Secundário Liceu de Jaime Moniz no pavilhão Gimnodesportivo e no Campo de Futebol Adelino Rodrigues, ambos situados no Funchal. Portanto, o primeiro ano como professor estagiário foi concluído com êxito ao classificar esta equipa de Futsal para a fase final dos campeonatos escolas de

Juniores / Seniores. O DE é, sem dúvida, uma forma de os jovens conseguirem praticar desporto no interior da escola, competir com outras escolas, melhorar as suas habilidades motoras. Ainda assim, o papel do docente foi mais na relação com os alunos e professor, experiência na competição, os diálogos com outros professores de outras escolas, desta forma aumentando o número de contactos a nível regional.

4.2.2 Corta-Mato Escolar

O corta-mato escolar foi uma atividade realizada pela escola, no parque de Santa Luzia situado no Funchal próximo à Escola. O intuito era apurar os três melhores alunos de cada escalão para o corta-mato regional. Foi uma atividade diferente para que os alunos possam sair da “escola”. O corta-mato foi uma experiência única, sendo, a primeira vez, a participação como professor estagiário. O corta-mato foi realizado dentro do parque sendo que os alunos após a chamada e verificação, realizavam o reconhecimento da prova por cada escalão. O objetivo do corta-mato foi melhorar as capacidades coordenativas e condicionais e garantir que os alunos da escola conseguissem ter acesso ao corta-mato regional. O corta-mato foi organizado pelo departamento de EF juntamente com os núcleos de estágio. O corta-mato foi dividido por escalões: Benjamins, Infantis, Iniciados, Juvenis e Juniores/Seniores, géneros masculinos e femininos. Os 3 primeiros vencedores de cada escalão estavam automaticamente apurados para corta-mato regional. Esta situação trouxe maior motivação dando oportunidade aos alunos de conseguir atingir um patamar nacional, em caso de vitória no corta-mato regional. A Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva, também conhecida como a Escola da Levada, proporcionou esta atividade de excelência com professores maravilhosos do departamento de EF, sempre em prol para os alunos e também de alguma forma, aumentar a notoriedade deste Estabelecimento de Ensino.

Aquando da chegada dos professores estagiários à Escola existiu a responsabilidade, juntamente com os outros colegas, de acompanhar os alunos em direção ao parque de Santa Luzia. A função como organizador, passou por aguardar, a chegada dos alunos à meta, para proceder à separação em Masculinos e Feminino em filas diferentes e retirar o dorsal que continha o

número do atleta. Durante a prova, os professores estiveram divididos em zonas de forma a garantir segurança e orientar algum aluno que tenha saído da rota. Realizaram-se a entrega de prémios, os professores entregavam as medalhas aos alunos. O corta-mato, foi, sem dúvida, uma ótima experiência. Tratou-se de uma distração positiva para a comunidade escolar e além disso, todos conseguiram melhorar a sua aptidão física. Dos leques de alunos presentes no Corta-Mato, o estagiário teve a felicidade de ver uma aluna a ficar no pódio do escalão de Iniciadas A, no terceiro lugar, e classificada para ir ao corta-mato regional. É de enaltecer todo o esforço efetuado pelos professores no cumprimento deste objetivo.

4.2.3 Festival da Escola

O festival da escola consiste em várias atividades relacionadas com a EF efetuadas, na parte da manhã, e dirigida para os alunos. Os núcleos de estágio foram os responsáveis pela realização deste festival com um total de seis estagiários. Cada um foi responsável por organizar as atividades definidas para cada campo: Jogos tradicionais; BTT; Orientação; Desportos da Natureza; Esgrima. À responsabilidade do estagiário ficou o campo 3: as atividades, neste campo, foram jogos tradicionais e de cada turma que por lá passava, os alunos saíam orgulhosos, motivados e alegres. Podemos afirmar que a organização deste festival levou muitas horas de reunião entre os colegas para a sua definição, o pretendido e quais os objetivos a alcançar. Surgiu um constrangimento devido ao pavilhão estar interdito fazendo com que se perdessem mais três espaços que podiam ser utilizados para realizar atividades. Contudo, houve capacidade de ajustar e de superar para realizar atividades no exterior. Foi uma experiência fantástica que requereu imenso trabalho, ou seja, “quem trabalha por gosto não se cansa”! O que foi realizado foi sempre em prol dos alunos, por forma, a que as perceções sobre a Escola sejam boas, com excelentes profissionais de vários departamentos. É de louvar os núcleos de estágio por esta organização, onde não só promoveu a EF, mas como também foi um dia diferente com o intuito de melhorar a aptidão física dos alunos e cativá-los a realizar atividades físicas.

4.2.4 ECO Erasmus Project

Foi proposto a realização de várias atividades lúdicas diante de um grupo de estudantes de Erasmus. Quando surgiu esta oportunidade, existiu logo um sentimento de cooperação porque era uma experiência completamente diferente de todas as outras ao longo do ano letivo. No dia da atividade, foi apresentado um grupo com 12 alunos de diferentes países, culturas e crenças. O grupo era composto por 3 alunos italianos, 3 alunos gregos, 3 alunos polacos e 3 alunos romenos. Uma das barreiras foi a comunicação dado que a nossa língua materna é a portuguesa e os outros alunos a língua dos seus países. A opção recaiu na comunicação em inglês, dado ser um idioma universal. Contudo, os alunos de ERASMUS não sabiam falar inglês e portanto, a comunicação foi uma das barreiras mais difíceis de ultrapassar. A excelente colaboração da professora responsável por este grupo, conseguiu ajudar nos momentos em que os alunos apresentavam dificuldades. Após a realização de algumas atividades como: saltos à corda e o jogo do galo, foi ainda realizada uma atividade bastante interessante relacionada com o meio ambiente. Nesta atividade, os alunos tinham de recolher algumas garrafas colocadas em vários locais na escola e de seguida, tinham de encher com água. Após efetuado um reconhecimento pela escola onde existiam plantas/árvores, os alunos regavam com água e no fim, efetuavam a reciclagem, promovendo desta forma boas ações para o meio ambiente e ajudando o planeta. Concluído a atividade, os alunos e os seus professores realizaram um agradecimento especial e deram um *feedback* positivo, no qual desejaram o melhor para o futuro na nossa profissão, enquanto profissional de Educação.

4.3 Área 3 – A importância da interação professor-aluno nas aulas de Educação física

4.3.1 Resumo

As interações professor-aluno não são estáticas, mas sim dinâmicas. Porém, Freire (1996), dá a entender que a relação professor-aluno tem uma conexão com o processo de ensino-aprendizagem ligando à conceção da Educação. O presente estudo teve por objetivo entender a importância da interação do professor-aluno no processo de ensino aprendizagem e avaliar o perfil do professor. Portanto, é necessário perceber, qual o impacto do professor e, por

sua vez, a sua forma de cativar, ajudar, ganhar a confiança dos alunos nas suas aulas, pois isso faz com que os estes não fiquem desmotivados. É necessário, também, compreender o perfil do professor se é o mais adequado relativamente ao seu desempenho enquanto leciona e quais as características que deverá melhorar. O estudo foi realizado numa escola pública, ou seja, na Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva, no ano letivo 2022/2023, por uma turma do 8ºano. Para recolher informação foi aplicado questionário *Student questionnaire of teacher interaction* (QTI), elaborado por Levy e Wubbels (1993), Este questionário apresenta uma escala de Likert de 0 a 4, onde o 0 representa nunca e o 4 representa sempre. A amostra contemplou 20 estudantes jovens com idades compreendidas entre os 13 e os 15 anos (M=13), de ambos os sexos, sendo representada por 6 rapazes (30%) e 14 raparigas (70%). O presente estudo permitiu concluir que a relação/interação do professor com os alunos não é negativa, dependendo dos tipos de comportamentos que estes apresentam nas aulas (atitudes, comportamentos, motivação, clima social). Constatou-se, que as características “o professor é um bom líder?” capacidade para liderar, guiar o aluno para o sucesso e a evoluir como pessoa, a transmitir valores e crenças para uma boa integração na sociedade. Concluiu-se que “o professor é rigoroso?” sabendo que a turma tem comportamentos inadequados diariamente foi necessário impor rigor e mostrar a autoridade. Desta forma, implicou uma mudança de atitude e de motivação positiva nos alunos. Averiguou-se que “o professor cativa a tua atenção?” o professor, ao conquistar a atenção do aluno, teve um impacto positivo na motivação, diálogo, como também a aplicação e fluidez dos exercícios assim como ganho de tempo útil de aula reduzindo os comportamentos inadequados e a desmotivação. Considerando que a escola é o local onde os alunos frequentam o maior tempo do seu quotidiano, o ambiente deve ser seguro e preservado para cada um deles. Além disso, a relação do professor-aluno deve ser desenvolvida em ambiente escolar. A análise efetuada, admite que a relação professor-aluno é fulcral para uma boa convivência dentro da escola, sendo fundamental para o processo de aprendizagem.

Palavras-chave – PROFESSOR; ALUNO; INTERAÇÃO; COMPORTAMENTO; MOTIVAÇÃO.

4.3.2 Abstract

Teacher-student interactions are not static, but dynamic. However, Freire (1996) implies that the teacher-student relationship has a connection with the teaching-learning process, linking it to the conception of Education. This study aimed to understand the importance of teacher-student interaction in the teaching-learning process and to evaluate the teacher's profile. Therefore, it is necessary to understand the impact of the teacher and, in turn, his way of captivating, helping, gaining students' confidence in their classes, as this means that they are not demotivated. It is also necessary to understand the teacher's profile, whether it is the most suitable for his/her performance while teaching and which characteristics should be improved. The study was carried out in a public school, that is, in Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva, in the academic year 2022/2023, by an 8th grade class. To collect information, a Student Questionnaire of Teacher Interaction (QTI) was applied, prepared by Levy and Wubbels (1993). This questionnaire has a Likert scale from 0 to 4, where 0 represents never and 4 represents always. The sample included 20 young students aged between 13 and 15 years old (M=13), of both sexes, being represented by 6 boys (30%) and 14 girls (70%). The present study led to the conclusion that the teacher's relationship/interaction with the students is not negative, depending on the types of behavior they present in class (attitudes, behaviors, motivation, social climate). It was found that the characteristics "Is the teacher a good leader?" ability to lead, guide the student to success and to evolve as a person, to transmit values and beliefs for a good integration in society. It was concluded that "is the teacher strict?" knowing that the class behaves inappropriately daily, it was necessary to impose rigor and show authority. In this way, it implied a change of attitude and positive motivation in the students. It was found that "does the teacher captivate your attention?" the teacher, by gaining the student's attention, had a positive impact on motivation, dialogue, as well as the application and fluidity of the exercises, as well as gaining useful class time by reducing inappropriate behavior and demotivation.

KEYWORDS – TEACHER; STUDENT; INTERACTION; BEHAVIOR; MOTIVATION.

4.3.3 Introdução

Os alunos atualmente aparentam estar desmotivados. Não demonstram interesse pelas aulas e não reconhecem a importância da EF. Existem vários fatores que podem influenciar estes tipos de comportamentos, seja a nível cognitivo, socioeconómico, cultural entre outros. É preciso investigar as declarações para a desmotivação e o desinteresse por parte dos alunos. É necessário entender esses comportamentos dos alunos. Acreditamos que a melhor forma de motivar e cativar o interesse dos alunos é através da interação professor-aluno. Atualmente, a interação professor-aluno é fundamental. É possível afirmar que os alunos estão cada vez menos interessados em praticar Desporto, ou seja, desenvolver compromisso com a disciplina de EF. Atualmente tem surgido dificuldades na construção da relação entre os professores e alunos devido a discussões ou desentendimentos. Sabendo que a interação e a comunicação são fundamentais para a aprendizagem assim como para o desenvolvimento do aluno.

Este estudo teve por objetivo, interpretar a interação do professor-aluno nas aulas de EF. O questionário serviu de instrumento para o presente estudo baseado no questionário *QTI (Student questionnaire of Teacher Interaction)*. O presente estudo realizou uma análise quantitativa com a utilização de um instrumento, no caso, um questionário constituído por 48 questões distribuídos por uma amostra de 20 participantes 6 rapazes (30%) e 14 raparigas (70%).

É de extrema importância o modo como o professor age perante o aluno. Cada professor tem as suas próprias características, a sua identidade profissional, que seja capaz de ouvir, ver, refletir sobre o nível de compreensão dos alunos e criar uma ligação entre o conhecimento e o deles (Gómez, 2000).

Segundo Freire (1996, p.96) “um excelente professor é aquele que consegue mexer com o pensamento do aluno, pois a sua aula torna-se um desafio e não um passatempo”.

A compreensão das interações perante o professor-aluno é importante para estabelecer condições de ensino-aprendizagem de comportamentos significativos. O estudo das interações entre professor-aluno é importante, dado

que existe uma junção de influências recíprocas por entre os comportamentos envolvidos. A forma como o professor interage com os alunos influencia o comportamento com o aluno, podendo influenciar as habilidades utilizadas pelos professores na sala de aula. Ribeiro (2010) indica que atualmente, o papel do professor diz respeito à construção de novos saberes e atitudes que ajudam aos alunos a integrar-se no processo de aprendizagem das disciplinas.

Antigamente, o professor formava-se e depois desempenhava a sua função da mesma forma como se iniciou e até ao fim da sua carreira. Neste seguimento, o professor transmitia os conteúdos que tinha adquirido e apenas isso, não havia qualquer tipo de diálogo, comunicação vindo dos alunos e muito menos, uma relação de afetividade entre o professor-aluno. Sendo que o professor tinha o poder e o aluno tinha de obedecer (Belotti, 2010).

O professor durante a aula deve ser interativo, fomentando um ambiente saudável e uma boa interação com os alunos. Se o professor apenas comunicar para transmitir os conteúdos aos alunos, sem qualquer interesse de interação com os alunos, não está a comunicar com eficácia. A percepção dos alunos poderá ser de um professor que apenas quer transmitir matéria e não tem qualquer interesse para interagir. Claro que os comportamentos inadequados dos alunos só podem ter uma solução, que é exigir regras rígidas. O comportamento do professor é a chave para prevenir os comportamentos inadequados e enfrentar a indisciplina, concluem Wubbels e Levy (1993) nos seus trabalhos de investigação, que a interação professor-aluno é a chave para a disciplina dos alunos.

Para Verceze (2008, p.37), “na sala de aula o professor deve interagir obrigatoriamente com o aluno, sendo esta interação a ponte entre a comunicação professor-aluno”. Além disso para Delamont (1987, p.32) “a interação entre o professor-aluno na arena social da sala de aula é um elemento central em todas as instituições de educação”.

As interações sociais permitem a construção de vários conhecimentos que possuam valor educativo, é essencial que tenham potencialidades para causar uma ação inovadora, fornecendo uma dimensão afetiva como também apoio para a atividade cognitiva. Davis et al., (1989) indicam que as interações sociais

cooperam para a construção do saber, exigindo conhecimentos e articulação de ações. Além disso todas as certezas devem ser questionadas, lacunas de informações, conhecimentos ampliados e as decisões tomadas de forma sistemática.

Os professores que são cativantes, comunicam com afeto, transmitindo a mensagem a nível de conteúdos e a nível descritivo, adquirem um bom relacionamento com as turmas, melhoramento na interação professor aluno e na aprendizagem. É num ambiente propício que devemos ter cuidado com as relações interpessoais. O objetivo de melhorar, torna-se possível para fortalecer emoções, sentimentos para o processo de ensino aprendizagem. (Rebolo et al., 2010).

Logo, por ter identificado e sentido dificuldades no aparecimento de problemas similares, o objetivo deste estudo, foi interpretar a interação do professor-aluno e a sua avaliação, sobre os comportamentos negativos e a falta de motivação dos alunos e assim promover uma maior afetividade perante o contexto prático e na proximidade do aluno.

4.3.4 Objetivos do estudo

Nos dias de hoje, é difícil interagir com alunos dado os seus comportamentos e atitudes. É necessária uma união de afeto entre o professor e aluno, na interação do professor-aluno. Existem vários estudos que indicam que uma boa comunicação/diálogo correlacionando com a conceção da Educação são fundamentais para a criação de conexões que exploram esta ligação. Este estudo teve um propósito de entender a relação entre professor-aluno como também avaliar o perfil do professor. Desse modo, procurou-se interpretar os impactos ou comportamentos que levaram à desmotivação e falta de interesse por parte dos alunos.

4.3.5 Metodologia

4.3.5.1 Participantes

Os participantes deste estudo tinham idades compreendidas entre os 13 e 15 anos (M=13,3), eram do sexo masculino (30%) e do sexo feminino (70%) num

total de 20 participantes. A seleção dos participantes foi uma amostra do 8ºano da Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva. Neste contexto, a preocupação principal foi perceber qual a melhor forma de conseguir ganhar a confiança e afetividade dos alunos por forma a potenciar o processo de ensino-aprendizagem.

4.3.6 Procedimentos

O presente estudo foi apresentado à professora orientadora e à professora cooperante, tendo sido esclarecidos os objetivos pretendidos e a recolha de dados. Após a luz verde, foi solicitado a colaboração dos alunos. Todos os alunos no estudo foram devidamente esclarecidos sobre o objetivo deste estudo. Após a instrução, concordaram em participar no estudo de forma voluntária. Ficaram devidamente instruídos que a participação seria anónima sendo o questionário de perguntas múltiplas com um tempo médio de duração de 15 minutos. O questionário foi partilhado, de forma digital, através de um *link* submetido no *classroom* para o seu preenchimento de forma individualizada e honesta.

4.3.5 Instrumentos

O questionário que serviu de instrumento para o presente estudo foi baseado no questionário *QTI (Student questionnaire of Teacher Interaction)*, adaptado e traduzido para português. O *SPSS (Statistical Package for Social Science for Windows)* foi usado para análise dos dados. Para o desenvolvimento do questionário e para cada estudo QTI, é realizado uma investigação por parte dos professores, esta investigação poderá ser efetuada individualmente. O questionário “Questionário dos estudantes sobre a interação do professor” foi utilizado no estudo “A interação do professor-aluno é extremamente importante. Assim, foi adotado no estudo a interação do professor de 2018 do QTI – Student questionnaire of Teacher Interaction Levy e Wubbels (1993).

Os alunos preencheram o questionário sobre a interação do professor, pois eles vivenciam constantemente o comportamento do professor, ou seja, a percepção do aluno, e o professor faz com que os alunos vejam o seu próprio

comportamento e qual seria o comportamento ideal. Todas as questões aparecem no formato indicado no protocolo (Levy, 1993) que englobou a questão (idade); questões sobre liderança (se o professor é um bom líder); afetividade (se o professor é amigo, se ouve as opiniões, se colabora); questões relativamente a rigorosidade (se é muito exigente, se é acessível); questões sobre a insatisfação de tarefas ou comportamentais (se os alunos portam-se mal, se estão motivados nas tarefas, tipos de comportamentos inadequados, falta de empenho); humilhação (se o professor castiga o aluno à frente dos colegas). As variáveis selecionadas para este estudo resultam de questões de escala linear. Posto isto, serão detalhadas apenas as escalas das opções de resposta mais pertinentes para o presente estudo.

A questão “Se não concordas com o professor podes dar a tua opinião”, tendo em conta a sua relevância deste estudo, tem a seguinte escala: Nunca 0; 1; 2; 3; e Sempre 4; A questão “O professor fica zangado inesperadamente?” relativamente a insatisfação do professor, tem a seguinte escala: Nunca 0; 1; 2; 3; e Sempre 4; A questão “O professor cativa a tua atenção?” analogamente para a cativação do aluno, tem a seguinte escala: Nunca 0; 1; 2; 3; e Sempre 4; A questão “Se tiver algo a dizer o professor presta atenção?” isto está ligado ao respeito, tem a seguinte escala: Nunca 0; 1; 2; 3; e Sempre 4; A questão “O professor rebaixa-te na aula?” relativamente a humilhação, tem a seguinte escala: Nunca 0; 1; 2; 3; e Sempre 4;

4.3.6 Apresentação de resultados

Nesta parte do estudo, discutem-se os resultados tendo em conta os objetivos do estudo, ao interpretar a interação do professor-aluno, perante as barreiras surgidas ao longo do ano letivo. Os dados recolhidos pelo questionário sobre a interação do professor-aluno foram submetidos a tratamentos estatístico do programa IBM SPSS, versão 29. Desta forma foi efetuado os cálculos de estatística descritiva por média, percentagem, desvio padrão, das variáveis mais pertinentes para o estudo.

Análise Descritiva

O grupo de estudo pertence ao 8º ano num total de 20 alunos.

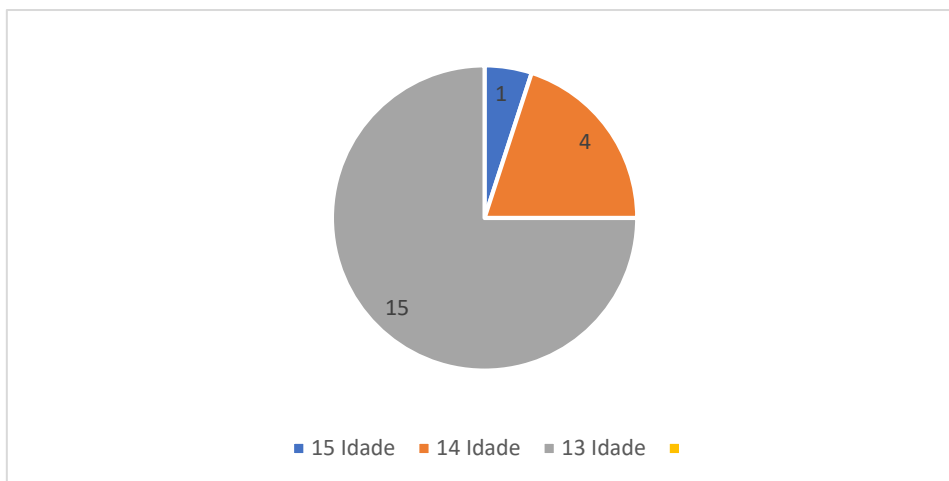


Gráfico 1- Distribuição numérica por idades

Relativamente ao género, o feminino com 14 alunas (70%), é aquele que tem mais expressividade e o masculino é constituído apenas por 6 alunos (30%). Na representação gráfica, os 3 números indicados no círculo correspondem ao número de alunos com a respetiva idade que está indicada na etiqueta. Relativamente a idade dos 15 anos temos apenas 1 aluno, seguidamente 4 alunos com 14 anos e por fim a idade com mais percentagem são 15 alunos de 13 anos. A idade dos participantes varia entre os 13 e os 15 anos, estando a média situada nos 13 anos ($M=13,3$)

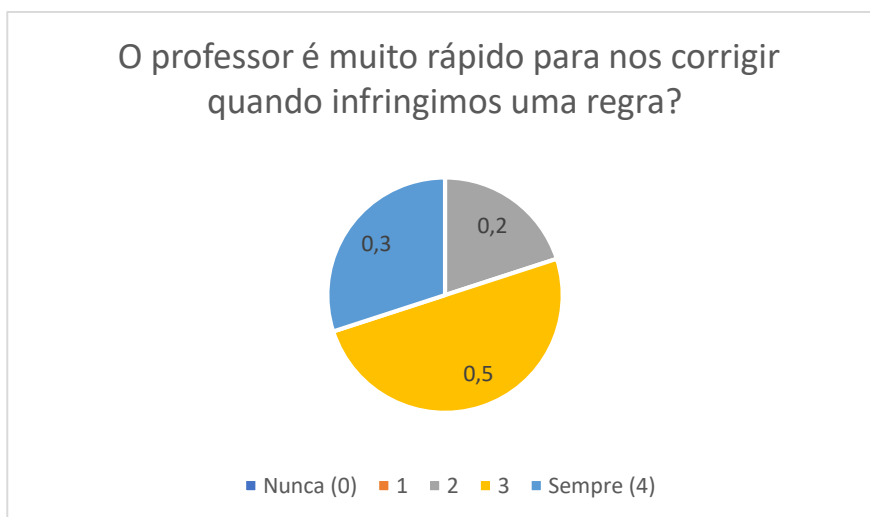


Gráfico 2- Avaliação da Repreensão do Professor

Relativamente a este item da repreensão existem resultados conclusivos, de forma empírica estando associado à indisciplina, ou seja, ao não cumprimento das regras da sala de aula. Podemos verificar que 50% (10 alunos) da turma indica que o professor está quase sempre atento ao seu redor e tem a

capacidade de agir rapidamente perante uma ação ou um comportamento inadequado. Pois a indisciplina dos alunos leva a que o professor tenha uma postura mais autoritária. A média situa-se muito próxima do grau 3 da escala “Entre 3 e 4” com um valor de $M= 3,10$ e $DP=0.7$ (Desvio Padrão)

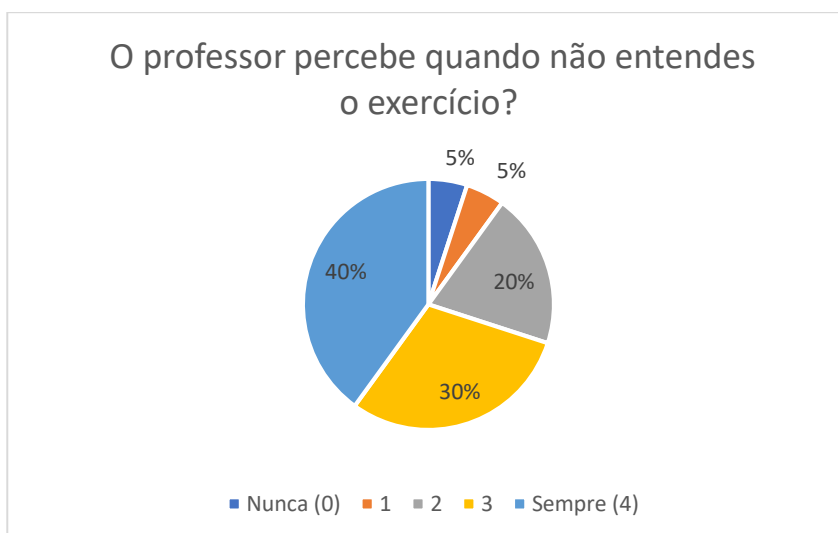


Gráfico 3 - Avaliação da Percepção do Professor

Neste gráfico, quanto à afirmação 40% (8 alunos) indicam sempre que o professor se apercebe que o aluno não entendeu o exercício, o mesmo ajuda explicando ou exemplificando novamente para que o aluno consiga ter sucesso na tarefa e adquira o conhecimento pretendido, já que o professor tem de garantir sempre que os alunos consigam alcançar os objetivos pretendidos para cada aula. A média situa-se. A média é de $M= 2,95$ e $DP= 1,1$ (Desvio Padrão).

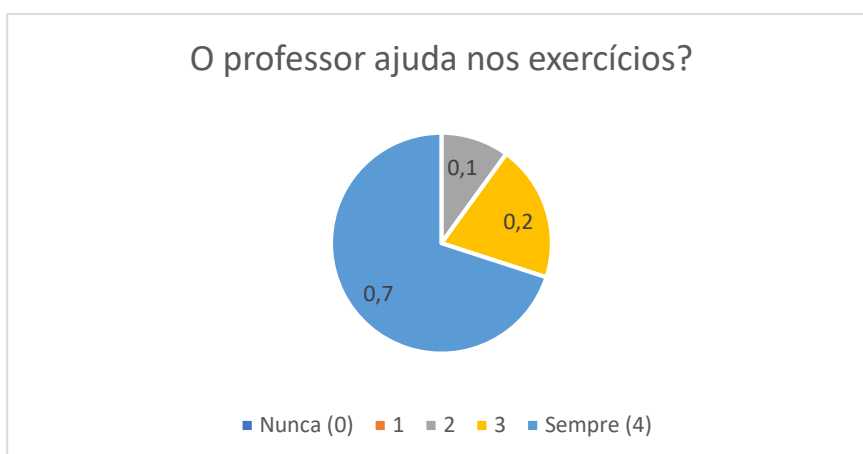


Gráfico 4 - Avaliação do auxílio do Professor

Relacionando este gráfico com o anterior cerca de 70% (14 alunos) afirma que o professor quando se apercebe que o aluno está com dificuldades, desloca-se até ao aluno para ajudá-lo a conseguir realizar a tarefa com sucesso. Além disso com a progressão de exercícios e o aumento da dificuldade, o mesmo ajuda a descomplicar para facilitar na tarefa. A média situa-se muito próxima do grau 4 da escala “Entre 3 e 4” com um valor de $M= 3,60$ e $DP=0,68$ (Desvio Padrão).

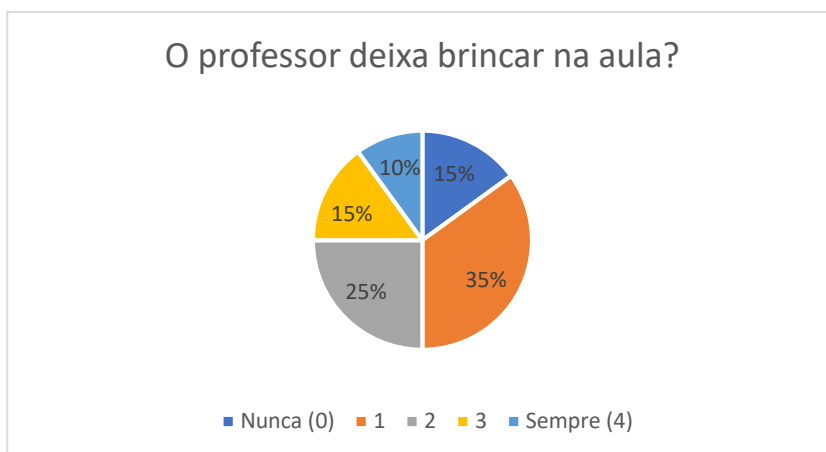


Gráfico 5 – Avaliação do Clima Social

Na representação gráfica podemos aferir do contexto do clima social. O professor é o responsável pela organização e aplicação das situações de aprendizagem, o mesmo deverá saber quando e como deverá ser as brincadeiras fornecendo um ambiente favorável para o desenvolvimento do aluno. Há 35% (7 alunos) indicam que os colegas quase nunca brincam nas aulas do professor sendo um aspeto positivo e 25% (5 alunos) afirmam que gostam de brincar nas aulas e que o professor permite que o mesmo aconteça. As aulas não são para brincar, contudo podemos retirar certos momentos para “quebrar o gelo” e aliviar a pressão/stress. Os alunos indicam, que o professor, por vezes, deixa os alunos brincar. Este dado não é um aspeto negativo pois se o professor concordar que poderão brincar, obviamente sem fugir ao contexto. Por vezes, poderá ser uma solução, para evitar que os alunos se desmotivem e ainda contribuir para um clima social agradável. A média situa-se muito próxima do grau 2 da escala “Entre 1 e 2” com um valor de $M= 1,70$ e $DP= 1,2$ (Desvio Padrão).

Nas seguintes questões, existe uma distribuição equitativa pelos 0 a 4 graus da escala, relativamente à avaliação do perfil do professor, destacam-se as seguintes:

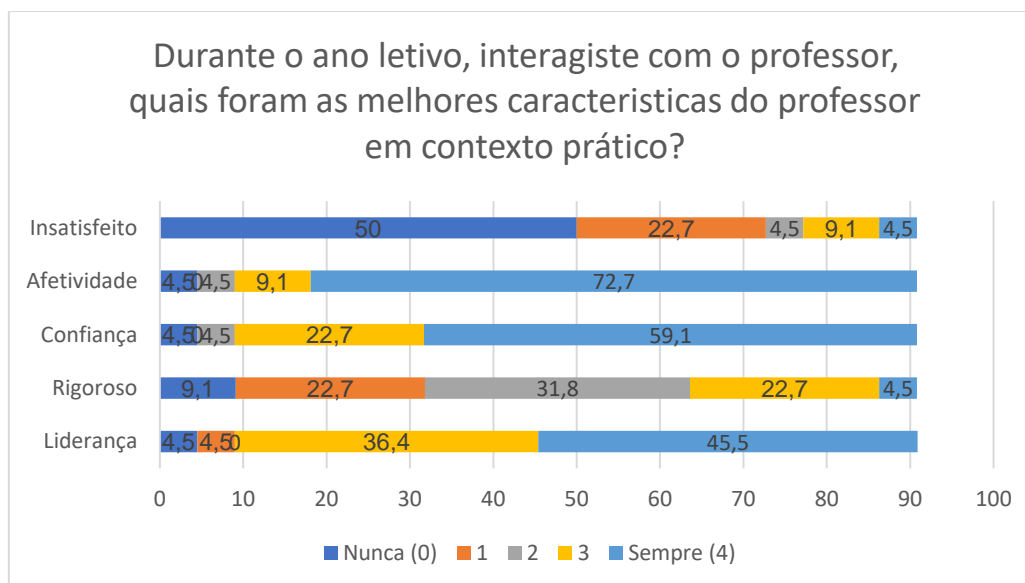


Gráfico 6 - Interpretação das características do Professor

Pelos dados obtidos, neste gráfico, é importante salientar as várias características que o professor apresenta na sala de aula, afetando e influenciando a motivação. É de relevar a nota positiva na “Afetividade” pois o professor passou uma relação de afeto para a turma, não apenas em contexto de aula, mas também fora do contexto escolar. Relativamente à insatisfação do professor, a turma afirmou que o professor não apresentou estar insatisfeito nas aulas, mas (27%) ainda considerou o professor estar insatisfeito em determinadas aulas. Este comportamento ocorre devido a muitos comportamentos inadequados, falta de empenho e interesse pela disciplina. Relativamente à rigurosidade (31,8%), este valor demonstra que o professor é neutro na rigurosidade, por sua vez se fosse muito mais rigoroso, mais exigente o nível de liderança iria subir, podendo baixar um pouco na afetividade.

Liderança: 45,5% (10 alunos) afirmam que o professor é um bom líder no contexto prático, seguido de 36,6% (8 alunos) que avaliaram o professor como um líder razoável. A média situa-se muito próxima do grau 4 da escala “Entre 3 e 4” com um valor de $M = 3,50$ e $DP = 0,9$ (Desvio Padrão).

Riguroso: 31,8% (7 alunos) expressam que o professor é rigoroso no seu desempenho e na realização das tarefas e na estipulação de regras. Posteriormente 22,7% (5 alunos) asseguram que o professor se expressa de forma menos rigorosa em tarefas mais complexas. A média situa-se aproximadamente do grau 2 da escala “Entre 1 e 3” com um valor de $M=1,90$ e $DP= 1,0$ (Desvio Padrão).

Confiança: 59,1% (13 alunos) apontam que o professor é de confiança e que o mesmo demonstra ser respeitoso, prestável e compreensível. No entanto 22,7% (5 alunos) revelam resguardar-se perante o professor com algum receio sobre o que o mesmo dirá. A média situa-se sensivelmente no grau 4 da escala “Entre 3 e 4” com um valor de $M=3,45$ e $DP= 0,9$ (Desvio Padrão).

Afetividade: 72,7% (16 alunos) asseguram que o relacionamento com o professor é saudável, no entanto 9,1% (2 alunos) são mais tímidos e têm maior dificuldade em interagir com o professor. A média situa-se visivelmente no grau 4 da escala “Entre 3 e 4”, com um valor de $M=3,60$ e $DP=0,9$ (Desvio Padrão).
Insatisfação: 50% (11 alunos) certificam que o professor nunca fica insatisfeito. Uma margem de 22,7% (5 alunos) garante que o professor apresenta ficar insatisfeito com os alunos em determinadas aulas no que toca à realização das tarefas, atrasos a aulas e comportamentos inadequados. A média situa-se perto da escala “Entre 0 e 1” com um valor de $M=0,8$ e $DP=1,2$ (Desvio Padrão).

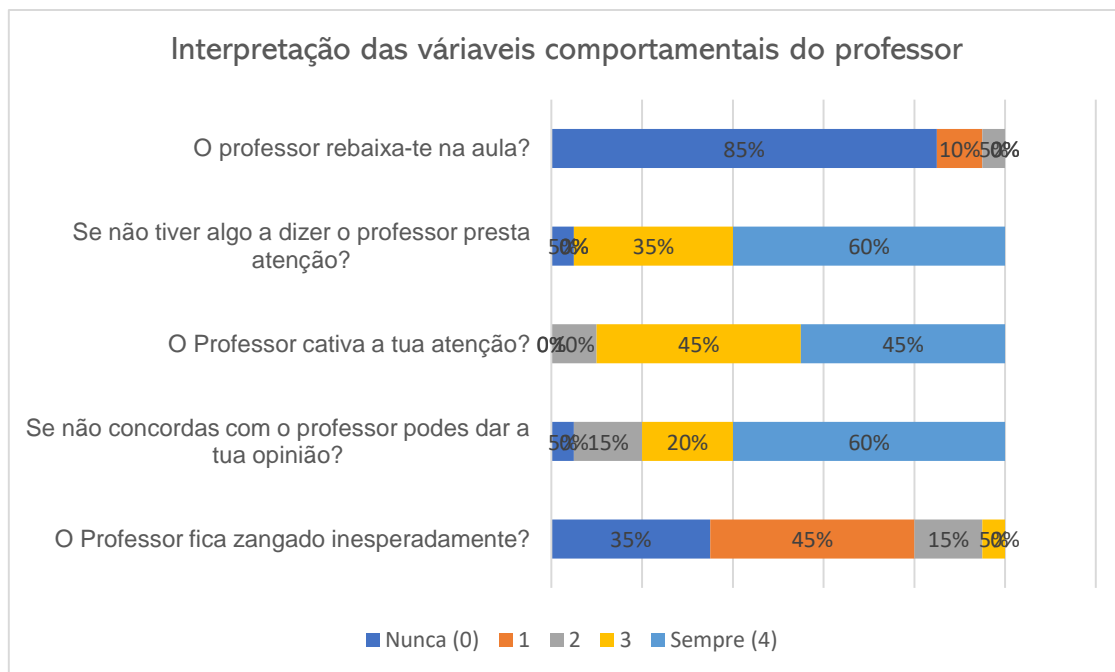


Gráfico 7 - Variáveis comportamentais do Professor

Neste gráfico, é importante salientar com resultados, as várias características que o professor apresenta. Nas seguintes questões, existe uma distribuição equitativa pelos 0 a 4 graus da escala, sendo que a interação do professor-aluno, destacam-se as seguintes:

Relativamente a este parâmetro que relaciona com o rigor severidade do docente: “O professor fica zangado inesperadamente?”: 45% (9 alunos) indicam que o professor algumas vezes fica zangado com o tipo de comportamento da turma em determinadas aulas, pois é uma turma complicada em termos comportamentais. Esta situação leva o professor a ficar frustrado porque perde tempo de aula a chamar atenção aos alunos. Continuamente 35% (7 alunos) clarificam que o professor não apresenta ficar zangado. Esta exigência está relacionada com o sucesso escolar que o professor é severo para conduzir a turma para um sucesso escolar. A média situa-se $M=0,9$ e $DP= 0,9$ (Desvio Padrão). “Se não concordas com o professor podes dar a tua opinião?”: Na vida profissional existe muitas pessoas em comando que não sabem ouvir e perdem respeito, valor ou neste caso os alunos. 60% (12 alunos) expressam que o professor sempre ouve o que os alunos têm para transmitir, ou seja, claramente está aberto a sugestões, dúvidas ou eventualmente problemas que o aluno tenha. Desta maneira, consegue criar uma relação com o aluno e ter uma maior

afetividade. Além de 35% (7 alunos), concordarem que o professor é quase sempre um bom ouvinte alcançando posições de liderança, porque um bom ouvinte é reconhecido. A média é de $M=3,30$ e $DP= 1,1$ (Desvio Padrão). “O professor cativa a tua atenção?”: 45% (18 alunos) entenderam que o professor é muito bom a cativar a sua atenção em termos de instrução, exercícios dinâmicos e o tipo de diálogo estabelecido. Por sua vez, a média situa-se no grau 3 e 4 da escala “entre 3 e 4” com o respetivo valor de $M=3,35$ e $DP=0,67$ (Desvio Padrão). “Se tiver algo a dizer o professor presta atenção?”: Nesta questão, obtivemos 60% (12 alunos) que afirmam que o professor presta atenção aos alunos no que concerne às sugestões, dúvidas e ideias inovadoras para exercícios já contemplados no plano de aula. O professor procede à reflexão sobre as mesmas. Apenas cerca de 35% (7 alunos), mantém uma opinião parecida no qual se expressam com alguma timidez. A média situa-se perto do grau 4 da escala “entre 3 e 4 com o valor da $M= 3,45$ e $DP= 0,94$ (Desvio Padrão). “O professor rebaixa-te na aula?”: 85% (17 alunos) apontam que o professor não pretende humilhar os alunos, nem demonstrar que é superior, nem que é melhor que os outros professores. 10% (2 alunos) assinalam que se sentiram humilhados em algum tipo de exercício ou tarefa indicada pelo professor por exemplo: “O último a chegar tem de efetuar 10 agachamentos”. A média situa-se próximo do grau 0 “entre 0 e 1” na escala com o valor de $M=0,2$ e $DP= 0,7$ (Desvio Padrão).

4.3.7 Conclusões

O presente estudo visou estudar a interação professor-aluno e foi apoiado em diversas pesquisas efetuadas sobre artigos, publicações, livros. Estas pesquisas permitiram efetuar um levantamento de estudos estrangeiros, podendo, dessa forma, ampliar a visão e o conhecimento sobre o tema assim como os dados obtidos por um número maior de pesquisas efetuadas.

Perante a discussão de resultados apresentados no tópico anterior, podemos afirmar que há sempre melhorias a efetuar sobre a interação do professor-aluno. Podemos dizer que cada professor tem as suas próprias características de interagir e de lecionar os conteúdos, mas é importante possuir este tipo de afeto com os alunos. Os professores não devem apenas transmitir

matéria, negligenciando a interação com os alunos. A interação com o aluno melhora a motivação e a forma como o este se sente na aula. Renzulli (1992) saliente que é importante o interesse do aluno para a sua aprendizagem, numa aprendizagem criativa e que esse interesse depende da motivação do aluno, é preciso expor o aluno a diversos tipos de conteúdos. O interesse do aluno, depende da vontade do professor em considerar habilidades, exercícios dinâmicos e desafiadores com a utilização de vários estilos de aprendizagem, a fim de promover um envolvimento nas tarefas. No primeiro período, foi sentida alguma dificuldade na criação de afetividade! Os comportamentos dos alunos eram inadequados e o clima social interno não era o melhor (competição entre alunos). Devido à complexidade do tema, foi necessário o uso da aplicação do Questionário QTI aos alunos, o qual serviu para pesquisas em outras investigações que relacionam o foco na interação do professor-aluno.

Na reflexão sobre este problema, foi necessário perceber e conhecer individualmente as características dos alunos e lidar com personalidades distintas na turma. Chegado ao terceiro período, foi sem dúvida, um êxito na relação e interação com os alunos dado a existência de melhorias na comunicação entre o aluno e o professor.

4.3.8 Sugestões para futuras investigações

Face à análise efetuada, constatou-se que a interação professor-aluno é manipulada por vários motivos que criam barreiras e desvantagens na própria interação com os alunos. Ainda assim é importante continuar investigações futuras sobre este tema, com amostras a outros tipos de professores com mais anos de experiência e com turmas difíceis de trabalhar. Desta forma poderá ser possível interpretar as interações dos professores com o grupo deste estudo e comparar resultados.

4.3.9 Referências Bibliográficas

- Belotti, S. H., & Faria, M. A. (2010). *Relação Professor/Aluno*. São Roque, Brasil.
- Davis, C., Silvia, M., & Esposito, Y. (30 de novembro de 1989). Papel e valor das interações sociais em sala de aula. pp. 49-59.
- Delamont, S. (1987). *Interação na sala de aula*. Livros Horizonte.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Gómes, A. I. (2000). *A aprendizagem escolar: da didática operatória à reconstrução da cultura na sala de aula*. Porto Alegre: Artmed.
- Rebolo, F., Nogueira, E. J., & Soares, M. L. (2010). As entrelinhas da relação professor-aluno. *Notas para se pensar o bem-estar e o mal-estar docente na contemporaneidade.*, pp. 109-120.
- Renzulli, S. J. (1992). A General Theory for the Development of Creative Productivity Through the Pursuit of Ideal Acts of Learning. 170-192.
- Ribeiro, M. L. (2010). A afetividade na relação educativa. *Estudos de Psicologia*.
- Verceze, R. M. (2008). A interação Professor/aluno na sala de aula. pp. 26-39.
- Wubbles, T., & Levy, J. (1993). *Do You Know what You Look Like?: Interpersonal Relationships in Education*. Psychology Press.

5. Conclusões e Perspetivas Futuras

Chegou ao fim esta maravilhosa jornada, não poderia estar mais feliz por ter acabado de uma forma especial. Não foi um ano fácil, mas sim trabalhoso. Pretendo continuar a ajudar futuramente as crianças, jovens e adolescentes a desenvolver, crescer e contribuir para vivências desportivas na EF. Volto a reforçar que foi um ano de ouro em todas as formas, fez com que evoluísse e lutasse por tudo o que consegui até ao momento. No seguimento desta jornada, foi necessário pensar, refletir e analisar sobre os acontecimentos durante o ano letivo. Sobre quais foram os pontos fortes e as dificuldades sentidas, o que por vezes dava a vontade de deixar tudo para trás, mas com o olhar de tudo conquistado anteriormente deu a motivação extra para continuar, em prol da escola, dos alunos, porque estes eram o foco principal.

A passagem pela escola, deu-me um entendimento sobre o ensino da EF. Na fase inicial tinha uma forma de trabalho muito focada na montagem dos exercícios, na realização das progressões. Com o decorrer do tempo fui-me apercebendo que ‘sair fora da caixa’ e combinar a criatividade com a dinâmica seria magia na aula. É fundamental ter a capacidade de ajustar e adaptar ao contexto e aos alunos. Além disso, é importante tocar nestes pontos da reflexão e observação. A reflexão permitiu-me usufruir de uma visão e compreensão das aulas lecionadas, como as decisões tomadas, corrigir aspetos negativos para evitar nas aulas seguintes e construir um crescimento pessoal e profissional. A observação, é um aspeto fulcral num professor. Neste ponto, foram determinantes as observações realizadas aos colegas. Relativamente à observação dos colegas foi preciso ter uma visão periférica e um pensamento crítico nas aulas lecionadas pelos mesmos, nas quais poderíamos encontrar aspetos positivos para implementar nas nossas aulas, aspetos negativos para evitar aplicá-las nas aulas e muito importante transmitir o *feedback* aos colegas.

Portanto, sobre as perspetivas futuras, vou manter o contacto com a minha profissão, tenho por objetivo continuar na carreira de professor. Não vou desistir! Sei que o meu dia chegará em breve. Continuo com o sonho vivo e permanecerá para sempre no meu coração E assim despeço-me do meu ano de estágio.

6. Referências Bibliográficas

- Amante, L., & Oliveira, I. (2019). *Avaliação e feedback: desafios atuais*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Bego, G. A., & Anjos, J. R. (2020). A importância da Educação Física Escolar Para a Formação do Indivíduo na Sociedade. pp. 13-26.
- Belotti, S. H., & Faria, M. A. (2010). *Relação Professor/Aluno*. São Roque, Brasil.
- Bento, J. O. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Betti, M. (1991). *Educação Física e sociedade*. São Paulo: Movimento.
- Brotto, F. O. (1995). *Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar*. São Paulo: Cepeusp.
- Capel, S. (2013). *Debates in Physical Education*. New York: Routledge.
- Carreiro Da Costa, F. (1991). Investigação sobre a eficácia pedagógica. *Inovação*, 9-27.
- Chicon, F. J. (2008). Inclusão e exclusão no contexto da educação física. pp. 13-38.
- Cunha, M. (1996). *O bom professor e sua prática*. Campinas: Papirus.
- Cunha, M. I. (1997). *Relação ensino e pesquisa. Didática: o ensino e as suas relações*. Campinas: Papirus.
- Darido, S. C. (2012). *A avaliação de educação física na escola* (Vol. 16). São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Davis, C., Silvia, M., & Esposito, Y. (1989). Papel e valor das interações sociais em sala de aula. pp. 49-59.
- Delamont, S. (1987). *Interação na sala de aula*. Livros Horizonte.
- Faria Junior, A. G. (1977). *Introdução a Didática de Educação Física*. Brasília: Honor editorial.
- Fonseca, J. J. (2002). *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: Apostila.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Gómes, A. I. (2000). *A aprendizagem escolar: da didática operatória à reconstrução da cultura na sala de aula*. Porto Alegre: Artmed.

- Graça, A. (2001). Breve roteiro da investigação empírica na pedagogia do desporto: A investigação sobre o ensino da educação física. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. pp. 104-113.
- Hardman, K. (2015). Physical Education: "The future ain't what it used to be!".
- Hastie, P. (1998). The participation and perceptions of girls within a unit of sport education. *Journal of Teaching in Physical Education*, 157-171.
- Januário, C. (1996). *Do pensamento do professor à sala de aula*. Coimbra: Almedina.
- Januário, C. (2017). O planeamento de jovens professores de Educação Física.
- Leite, T. (2016). Formação de professores para a inclusão. *Conferencia apresentada no Congresso Escola - Inclusiva - Educar e formar para a vida independente*.
- Lopes, R. (2009). A relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem. pp. 5-28.
- Machado, A. A. (1996). *Interação: um problema educacional*. Jundiaí: Litearte.
- Mansurrier, G., & Corbin, C. (2006). Top 10 reasons for Quality Physical Education. p. 10.
- Melo, A., Martinez, A., & Lunardi, C. (2013). Inclusão nas aulas de educação física: Opinião dos familiares.
- Mesquita, I. (2005). *Pedagogia do treino. A formação em jogos desportivos coletivos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Metzler, M. (2011). *Instructional models for physical education*. New York: Routledge.
- Miranda, G. L., & Bahia, S. (2005). *Psicologia da educação: temas de desenvolvimento, aprendizagem e ensino*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.
- Mizukami, M. d. (1986). *Ensino: As abordagens do processo*.
- Neves, R. (2023). Ser Professor em Portugal Um desadio. pp. 24-29.
- Oliveira, F., Maria, R., & Oliveira, E. (2018). Elaboração de planos de aula para a educação física: a percepção discente. pp. 185-192.
- Pacheco, J. (1995). *O pensamento e a ação do professor*. Porto: Porto Editora.
- Pieron, M. (1998). *Didactica de las Actividades Físicas y Deportivas*. Madrid: Gymnos Editorial.

- Pourtois, A. (1979). Les systèmes d'analyse de l'enseignement. *Revue française de pédagogie*, 48, pp. 12-20.
- Prudente, J., Lopes, H., Fernando, C., & Sousa, D. (2017). Contributos para uma reflexão sobre o Desporto Escolar.
- Rebolo, F., Nogueira, E. J., & Soares, M. L. (2010). As entrelinhas da relação professor-aluno: *Notas para se pensar o bem estar e o mal-estar docente na contemporaneidade.*, pp. 109-120.
- Renzulli, S. J. (1992). A General Theory for the Development of Creative Productivity Through the Pursuit of Ideal Acts of Learning. 170-192.
- Ribeiro, M. L. (2010). A afetividade na relação educativa. *Estudos de Psicologia*.
- Rosado, A., Dias, L., & Colaço, C. (2002). *Avaliação das aprendizagens em Educação Física. In A. Rosado & C. Colaço (Eds.), Avaliações das Aprendizagens: Fundamentos e aplicações no domínio das atividades físicas.* Lisboa: Omniserviços, Representações e Serviços, Lda.
- Santos, A. L., Carvalho, A. L., & Júnior, J. R. (2007). Obesidade infantil e uma proposta de Educação Física preventiva. pp. 200-213.
- Sarmiento, P. (2004). *Pedagogia do desporto e observação.* Lisboa: FMH.
- Siedentop, D. (1987). The theory and practice of sport education. Em G. Barrette, R. Feingold, & M. Rees and Piéron, *Myths, models and methods in sport pedagogy* (pp. 79-86). Champaign, IL: Human Kinetics.
- Siedentop, D. (1998). What Is Sport Education and How Does it Work? *Journal of Physical Education, Recreation & Dance*, 18-20.
- Stipanov, M. (2005). *Práticas de planificação: um estudo comparativo entre as práticas dos estagiários da F.C.D.E.F DE - U.C. de 2005-2006 e as práticas de planificação atuais dos professores do primeiro curso da F.C.D.E.F - U.C.* Coimbra: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.
- Verceze, R. M. (2008). A interação Professor/aluno na sala de aula. pp. 26-39.
- Verríssimo, L. (2013). *Motivar os alunos, motivar os professores. Faces de uma mesma moeda.* Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade católica Portuguesa.
- Wertsch, V. J. (1998). *Mind as Action.* Oxford: Oxford University press.
- Wubbles, T., & Levy, J. (1993). *Do You Know what You Look Like?: Interpersonal Relationships in Education.* Psychology Press.

Anexos

Anexo 1 - Horário Escolar

Horário	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
09:00				Aula 10. ^º 4 09:55-10:45	
10:00		Reunião Prof. Cristina 10:45-11:45		Aula 10. ^º 4 10:45-11:35	
11:00		Observação aula 11. ^º 5 11:50-12:40	Observação aula professora Cristina Caré 11:50- 12:40	Observação aula 11. ^º 5 11:50-12:40	Observação aula professora Cristina Caré 11:50- 12:40
12:00		Observação aula 8. ^º 2 12:40-13:30	Aula 8. ^º 1 12:40-13:30		Aula 8. ^º 1 12:40-13:40
13:00		Aula 8. ^º 1 14:35-15:25	Desporto Escolar Futsal 13:30 – 15:25		
14:00	Tópicos da Educação Física e Desporto I 14:00-17:00				
15:00					
16:00			Observação aula 8. ^º 2 16:30-17:20		
17:00					

Anexo 2 - Autorização Desporto Escolar Fase Final



Autorização para participar nos Jogos do Desporto Escolar – Equipa: Juniores Masculinos (Futsal)


A nossa escola está na FASE FINAL DOS CAMPEONATOS ESCOLARES DE JUNIORES / SENIORES, com a equipa de juniores masculinos!

Neste **sábado**, a equipa irá disputar dois jogos, a primeira meia final e depois, esperemos, a final. Neste dia (**29 de abril**), de manhã, temos **dois jogos** no **Pavilhão da escola da Torre (em Câmara de Lóbos)** com o seguinte horário:

- 10.00h – Escola de São Roque - **Escola A. A. Silva**
- Depois jogar à 11.00h se perder o jogo anterior, ou às 12.00h se ganhar o jogo anterior

Naturalmente, para os alunos se deslocarem para o Pav. Da Torre, **está assegurado transporte de ida e regresso, em autocarro** dedicado para o efeito. Peço que os alunos / jogadores da equipa estejam às **8.10h junto à entrada da nossa escola (antiga piscina)** para irem no autocarro. Estes alunos estão cobertos pelo seguro escolar. Devem levar um pequeno lanche (sugiro uma peça de fruta e água). Irá acompanhar a equipa, os Profs. Daniel Rodrigues e Ricardo Oliveira.

Por favor *confirme a presença do seu educando por SMS*. Muito obrigado.

O Professor:  (Ricardo Oliveira - ☎ 911030562)



Anexo 3 - Plano de Aula



ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA Dr. ÂNGELO AUGUSTO DA SILVA
EDUCAÇÃO FÍSICA
Ano letivo 2022/2023



Plano de Aula				
Estagiário: Daniel Rodrigues	P. Cooperante: Cristina Caré	Data: 19/3/2023	Hora: 14:35 às 15:25	Duração: 50'
Nº alunos previstos: 20	UD: Badminton	Turma: 8.º ano	Aula nº 72 BAD	Material: 10 Volantes; 20 Raquetes de badminton.
Nº alunos P:	Falta:	Responsáveis pelo material: Cada aluno é responsável pelo seu material.		
Espaço: Pavilhão Zona Norte				
Objetivos gerais da Aula: O discente realiza exercícios aprimorando a sua execução técnica do serviço, lob, clear através de jogo lúdico e torneio.				

Parte	Tempo	Objetivos Específicos	Exercício Situação de aprendizagem	Componentes Críticas "Palavras-chaves"	Variantes
Inicial	14h40 14h45 5'	-	<p>Chegada dos discentes Registo de Presenças; Informações sobre o desenrolar da aula/objetivos.</p> <p>Volta à Europa</p> <p>Discentes organizados em grupos de três elementos por equipa e em cada um dos meios-campos. Cada discente realiza um batimento e desloca-se para o fim da fila seguinte. Sempre que um discente coloca, deixa cair ou enviar o volante para fora do campo deve iniciar o jogo com serviço. O objetivo manter o volante o maior tempo possível no ar.</p> 	-	-
	14h45 14h50 5'	Ativação Específica Aprimorar o serviço; Estimular a capacidade de reação	<p>Executar a posição base no centro do campo;</p> <p>"Coloca a raquete acima da cintura!"</p> <p>"Atenção ao volante!"</p> <p>Maximizar a orientação espacial, corporal e a diferenciação cinestésica.</p> <p>"Mexo o corpo!" "Pensa rápido!"</p>	<p>Inicia-se com serviço;</p> <p>"Bate com a raquete no volante!"</p> <p>Realizar os deslocamentos para a frente;</p> <p>"Corre em direção a fila!"</p> <p>"Tens de ser rápido!"</p> <p>Realizar batimentos no volante de acordo com a trajetória (Lob, clear);</p> <p>"Desloca-te para perto da rede ou para o centro do campo!"</p>	-
Fundamental	14h50 15h17 27'	Torneio de badminton	<p>Jogo 1x1</p> <p>Alunos distribuídos pelo campo, realizam jogos de 5'. O início do jogo começa com serviço. Ao final de cada jogo, os alunos devem rodar para a direita no sentido do relógio. O objetivo é realizar o maior número de vitórias.</p> 	<p>Executar a posição base no centro do campo;</p> <p>"Coloca a raquete acima da cintura!"</p> <p>"Atenção ao volante!"</p> <p>Maximizar a orientação espacial, corporal e a diferenciação cinestésica.</p> <p>"Mexo o corpo!" "Pensa rápido!"</p>	-
Final	15h17 15h20 3'	Retorno á calma	<p>Realizar alongamentos</p> <ul style="list-style-type: none"> - O professor é o responsável pelos alongamentos. - Diálogo sobre o desempenho dos alunos. 	<p>Imitação da ação motora realizada</p> <p>"Espelho!"</p>	-

Anexo 4 - Unidade Didática de Badminton

Unidade Didática - Badminton															
8º ano	Plano de Aula nº		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
	Mês		1	1	1	1	1	2	2	2	3	3	3	3	
	Dia		3.	10.	17.	24.	31.	7.	14.	28.	7.	14.	21.	28.	
	Espaço		Pavilhão Zona Norte												
	Duração		50'	50'	50'	50'	50'	50'	50'	50'	50'	50'	50'	50'	
	Aula		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
Habilidades Motoras	Técnica	Serviço Curto	I/E		E		E		E		E		E	C	
		Lob	I/E		E		E		E		E		E	C	
		Clear		I/E		E		E		E		E		E	C
	Tática	Serviço Comprido		I/E		E		E		E		E		E	C
		Posição Base	I/E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	C
		Deslocamentos Laterais		I/E	E	E		C							
Deslocamentos antero-posterior		I/E	E	E	E	E	C								
Condição Física e Fisiologica	Capacidades Condicionais	Resistência	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
		Velocidade	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
		Força	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
	Capacidades Coordenativas	Coordenação	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
		Agilidade	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
		Orientação espacial	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Diferenciação Cinestésica		✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
Cultura Desportiva	Regras de Segurança		✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
	Regras de Arbitragem		✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
Conceitos Psicossociais	Responsabilidade		✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
	Disciplina		✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
	Empenho		✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
	Autonomia		✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
	Respeito		✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
	Trabalho de Equipa		✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
Fair Play		✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓		

Anexo 5- Calendário dos Jogos - Festa do Desporto Escolar



Autorização para participar na Festa do Desporto Escolar – Equipa: Juniores/Seniores Masculinos (Futsal)



Informo que a equipa de Juniores/Seniores Masculinos, de que faz parte o seu educando, vai participar na FESTA DO DESPORTO ESCOLAR. Os jogos serão realizados no campo de relva sintética Adelino Rodrigues (escola Jaime Moniz), e a 1ª fase joga-se a 31 de maio (4ª feira) de acordo com o seguinte calendário de jogos:

Data	Dia	Hora	Campo	Jogo
31/05/2023	quarta	9:00	11 – Sul Galinheiro	Ângelo Augusto Silva – IPTL A
31/05/2023	quarta	12:00	9 – Norte Ginásio	Escola Gonçalves Zarco - Ângelo Augusto Silva
31/05/2023	quarta	15:00	12 – Sul Pavilhão	STPF - Ângelo Augusto Silva

NOTA: Se a equipa ficar em 1º ou em 2º lugar da sua série (Série C), jogará também no dia 1 de junho a Fase Final (5ª feira), com o seguinte calendário:

Data	Dia	Hora	Campo	Jogo
1/06/2023	quinta	10:00	10 – Norte Piscina	1º Série C – 2º Série C
1/06/2023	quinta	12:00	9 – Norte Ginásio ou 10 – Norte Piscina	1º Série A – 1º Série C ou 1º Série B – 2º Série C
1/06/2023	quinta	16:00	9 – Norte Ginásio ou 10 – Norte Piscina	1º Série A – 2º Série C ou 1º Série B – 1º Série C

Equipas da Série A: Escola do Carmo; Escola Jaime Moniz; EPHTM
Equipas da Série B: Escola Francisco Franco; Ribeira Brava; IPTL B

Peço que os alunos / jogadores da equipa estejam às 8.30h do dia 31/05/2023 no campo Adelino Rodrigues e devem deslocar-se pelos seus próprios meios. Estes alunos estão cobertos pelo seguro escolar. Devem levar um pequeno lanche para a manhã e outro para a tarde. O almoço dos alunos realizar-se-á na cantina da escola Secundária Jaime Moniz. Os alunos estão dispensados das aulas nos dias em que têm jogos.

Anexo 6 - XI Festival de Desporto da Levada

SECRETARIA REGIONAL de Educação, Ciência e Tecnologia

VCO-ESCOLAS

XI FESTIVAL DE DESPORTO DA LEVADA

ATIVIDADES

- JOGOS TRADICIONAIS
- DESPORTOS DE COMBATE
- DISC GOLF
- BTT
- DESPORTOS RADICAIS
- BOWLING
- BODYCOMBAT
- ORIENTAÇÃO

QUINTA-FEIRA
30 MARÇO
DAS 08H00 ÀS 13H30

INSTALAÇÕES EBSAAS

PARA MAIS INFORMAÇÕES:
Email: franciscocomvgouveiasebsaas.com
Telemóvel: 927067337

CONTAMOS COM A TUA PARTICIPAÇÃO!!

ORGANIZAÇÃO: NÚCLEOS DE ESTÁGIO
E GRUPO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

	Nunca				Sempre
1. Este professor fala com entusiasmo sobre a matéria.	0	1	2	3	4
2. Este professor confia em nós.	0	1	2	3	4
3. Este professor parece inserto.	0	1	2	3	4
4. Este professor fica com raiva inesperadamente.	0	1	2	3	4
5. Este professor explica as coisas com clareza.	0	1	2	3	4
6. Se não concordas com o professor, podemos conversar sobre isso.	0	1	2	3	4
7. O professor é hesitante?	0	1	2	3	4
8. O professor irrita-se facilmente?	0	1	2	3	4
9. O professor cativa a tua atenção?	0	1	2	3	4
10. O professor está disposto a explicar as coisas novamente?	0	1	2	3	4
11. O professor age como se não soubesse o que fazer?	0	1	2	3	4
12. O professor é muito rápido para nos corrigir quando infringimos uma regra?	0	1	2	3	4
13. O professor sabe tudo o que se passa na sala de aula?	0	1	2	3	4
14. Se eu tiver algo a dizer o professor presta atenção?	0	1	2	3	4
15. O professor deixa-te mandar nele?	0	1	2	3	4
16. O professor é impaciente?	0	1	2	3	4
17. O professor é um bom líder?	0	1	2	3	4
18. O professor percebe quando não entendes o exercício?	0	1	2	3	4
19. O professor não tem a certeza do que fazer quando brinco?	0	1	2	3	4
20. É fácil discutir com o professor?	0	1	2	3	4
21. O professor age com confiança?	0	1	2	3	4
22. O professor é paciente?	0	1	2	3	4
23. É fácil enganar o professor?	0	1	2	3	4
24. O professor é sarcástico?	0	1	2	3	4
25. O professor ajuda nos exercícios?	0	1	2	3	4
26. Posso decidir algumas coisas na aula do professor?	0	1	2	3	4
27. O professor pensa que nós fazemos batota?	0	1	2	3	4
28. O professor é rigoroso?	0	1	2	3	4
29. O professor é teu amigo?	0	1	2	3	4

30. Consegues influenciar o professor?	0	1	2	3	4
31. O professor pensa que não sabemos de nada?	0	1	2	3	4
32. Tens de ficar em silencias na aula do professor?	0	1	2	3	4
33. O professor é de confiança?	0	1	2	3	4
34. O professor deixa brincar na aula?	0	1	2	3	4
35. O professor rebaixa-te na aula?	0	1	2	3	4
36. Os testes do professor são difíceis?	0	1	2	3	4
37. O professor tem sentido de humos?	0	1	2	3	4
38. O professor deixa-nos escapar muitas vezes de comportamentos inadequados?	0	1	2	3	4
39. O professor pensa que não fazes as coisas bem?	0	1	2	3	4
40. A exigências do professor é muito elevada?	0	1	2	3	4
41. O professor aceita piadas na aula?	0	1	2	3	4
42. O professor dá muito tempo livre na aula?	0	1	2	3	4
43. O professor parece insatisfeito nas aulas?	0	1	2	3	4
44. O professor é severo ao corrigir trabalhos?	0	1	2	3	4
45. A aula do professor é agradável?	0	1	2	3	4
46. O professor é tolerante?	0	1	2	3	4
47. O professor é desconfiado?	0	1	2	3	4
48. Tens medo do professor?	0	1	2	3	4